

# REVISTA do ENSINO

ORGÃO DA DIRECTORIA DO ENSINO PRIMARIO

Publicação trimestral

## SUMMARIO:

Nova Orientação Pedagogica

Problemas do Ensino — — — — J. Baptista de Mello

Prophylaxia das Molestias dos Olhos — Dr. Seixas Maia

Ensino Profissional — — — — Mario Marques

Uma contribuição para os Jardins

de Infancia — — — — Alice de Azevedo Monteiro

Como organizar as classes escolares — Sylvia de Pessôa

2.ª Semana Pedagogica

Programma

Actos



Anno III

Dezembro de 1934

N.º 11

---

# REVISTA DO ENSINO

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL



Director: Prof. J. BAPTISTA DE MELLO



Imp. Off. — João Pessoa



# NOVA ORIENTAÇÃO PEDAGOGICA

Estimulada com o exito obtido no grande certame realizado nesta capital, em outubro de 1933, que foi o primeiro movimento dessa natureza, operado no Estado, a Directoria do Ensino quiz, dando maior vulto, promover este anno a "2.ª Semana Pedagogica".

Conhecedora do entusiasmo que domina o professorado parahybano em tudo que diz respeito aos deveres de sua grandiosa missão, estava certa de que muito maior brilho teria a reunião pedagogica de 1934.

Não se enganou.

O espectáculo a que a nossa Capital assistiu de 4 a 11 de novembro findo diz bem da mentalidade do corpo de educadores parahybanos.

Vindos de todos os municipios, vencendo difficuldades de toda especie, accorreram a esta cidade emprestando o seu apoio a esse movimento de renovação que de alguns annos a esta parte vem se verificando nas cousas do ensino do Estado.

A 2.ª Semana Pedagogica foi de grande brilhantismo e maior utilidade.

Em suas sessões foram discutidos assumptos de alto interesse para o ensino. Aulas praticas, excursões, conferencias e apresentações de interessantes themas encheram esses oito dias de indiscutivel valor educativo.

"Revista do Ensino", orgão da Instrucção Primaria do Estado apresenta-se hoje, em numero especial dedicado a esse memoravel acontecimento.





**Dr. GRATULIANO BRITO, Interventor Federal e  
Presidente de Honra da Segunda Semana  
Pedagogica**



# PROBLEMAS DO ENSINO

---

(Discurso proferido na abertura da 2.<sup>a</sup> Semana Pedagógica pelo prof. J. Baptista de Mello.

Quando em 1931, fui chamado a dirigir o Ensino Primário do Estado tive a visão completa das responsabilidades que me iam pesar sobre os hombros.

Em um periodo de transição, quando o sopro revolucionário vinha de abalar os alicerces das instituições nacionaes, quando Anthenor Navarro á frente dos destinos da Parahyba fazia da instrucção o ponto de partida desse movimento de renovação social e economica que, sem solução de continuidade, vem levantando o nome e as energias do pequenino Estado, era mistér que se empregasse todo esforço por que o ensino publico correspondesse aos anseios de progresso de todo um povo e preenchesse a sua nobre e grandiosa finalidade. Outra não podia ser a directriz a seguir.

Num país de vastissimas zonas como o nosso, num estado de poucos recursos como a Parahyba, a escola necessita dar ás populações o ensinamento indispensavel para a sua victoria, de combate, muitas vezes, com a propria natureza. Precisa formar o homem do campo no amanho das terras, e o homem das cidades nas lides commerciaes e burocraticas.

Não se deve limitar a escola a simples elemento de desanalfabetização, mas oriental-a de modo a crear recursos que offereçam o indispensavel ao homem de amanhã para vencer os difficultos dias que tem de atravessar.

As populações ruraes, hoje, comprehendem que o maior beneficio que os governos lhes podem fazer é espalhar verdadeiras escolas por todos os recantos dos municipios, escolas que orientam o trabalho, que ensinam a livral-as das doenças, escolas em que se formam os cidadãos que têm de crear e desenvolver a sua economia.

A mentalidade brasileira muito longe ainda de por si só comprehender as riquezas que representam os vastos campos incultos que se estendem por toda parte, e os thesouros sem conta que se occultam no subsólo abandonado, precisa de uma orientação segura que venha salvar a situação de penuria em que jáz um povo com possibilidades de grandes cabedaes,

O trabalho bem orientado por uma educação perfeita trará necessariamente a solução do caso brasileiro. A acção da escola em toda a sua plenitude será então a pedra de toque do movimento de salvação nacional. Um systema educacional, capaz de orientar o trabalho e preparar as riquezas de que necessitamos, será naturalmente o grande auxiliar das administrações honestas e trabalhadoras.

E a nossa escola está na altura de satisfazer, integralmente, às necessidades educacionais brasileiras ?

Deixemos que os outros Estados falem por si, e encaremos a situação da Parahyba.

O problema é muito complexo para dizer que sim. As escolas de letras, espalhadas por toda parte e adstrictas á instrucção estão muito longe de representar o ideal, tão longe quanto a distancia que vae da instrucção á educação.

O ensino tecnico profissional seria talvez o primeiro passo para u'a orientação do nosso apparatus educacional.

O movimento de renovação da escola empolga todos os centros culturais do mundo. Aqui é o centro de interesse que globaliza todas as disciplinas numa socialização que prepara o pequeno estudante para a vida em commum de amanhã; allí, o systema de projectos em que o alumno aprende, minudentemente, a pratica dos grandes ramos da actividade humana; adiante, o verdadeiro trabalho feito nas hortas, nos jardins, nos campos agricolas, nas officinas, etc.; depois, os jogos educativos e interessantes, que fazem o encanto das criancinhas dos jardins de infancia. E assim Decroly, Dewey, Montessori, Froebel e outros apóstolos da escola renovada dão aspectos mais suaves á educação que se processa por toda parte, em opposição á escola tradicionalista.

Mas escola nova ou escola antiga precisa de elementos capazes de oriental-a, de forma a não ficarem annullados os seus principios e ensinamentos.

Não podemos condemnar este ou aquelle systema de educação.

O que importa é que este se processe nos bellos principios da moral e do trabalho.

A Parahyba vae cumprindo, como póde, o seu dever em relação á instrucção dos seus filhos. Não podemos dizer que sem falhas.

Seria estultice affirmal-o. Os quadros estatísticos, na rigidez dos numeros têm uma grande virtude: não nos deixam enganar. Elles ahí estão para attestar o que temos feito e o que nos resta fazer.

Estado pobre, com uma arrecadação reduzida, sujeita a "deficit", pela irregularidade das chuvas, emprega, entretanto, approximadamente, 20 % de suas rendas, ou sejam quasi 3.000 contos de réis na instrucção publica. Os nossos estabelecimentos de ensino, como a matricula escolar, sobem de anno a anno, numa



Dr. Argemiro de Figueirêdo, Secretário do Interior e Presidente de  
Honra da Segunda Semana Pedagógica.

progressão animadora. A escola prestigiada pelo povo, vaé reeebendo o amparo a que faz jus. As classes repletas de crianças apresentam uma feição muito differente daquella que, annos atraz, constituaiam o supplicio do estudante e o inferno do mestre-escola. Dentro de três annos multiplicam-se os estabelecimentos de ensino, avultando a construcção de novos grupos escolares; distribuem-se por quasi todos os municipios essas benemeritas instituições que são as caixas escolares, incentivando a frequencia com o amparo material ás crianças pobres; ensaiam-se animadoramente os clubes agricolas que serão para o futuro os collaboradores efficazes das verdadeiras escolas ruraes, abrem-se as primeiras bibliothecas infantis onde a criança aprende a conhecer uma litteratura sadia propria de sua idade e digna de seus costumes; installam-se jardins de infancia onde o menino sente a concretização do que pregam os mestres: A ESCOLA E' A CONTINUAÇÃO DO LAR; fundam-se jornaes escolares como uma contribuição ás nossas letras; instituem-se círculos de paes e mestres que serão os laços indestructiveis entre a escola e a familia; inauguram-se gabinetes dentarios com a modestia das suas installações e o resultado consolador dos seus beneficcios; completa-se a escola primaria com a creação de cursos complementares; ampliam-se os conhecimentos dos professores com a creação de cursos de aperfeçoamento; circulam revistas pedagogicas, levando aos confins do Estado o abraço do professor da capital aos seus collegas, separados pelas distancias; melhoram-se os processos de ensino, transformando a escola num centro de socialização e de aproveitamento de vocações; fortalece-se o physico, com os exercicios de gymnastica; cultivam-se a voz com os orpheões escolares; fiscaliza-se o ensino, amparando-o, orientando-o, corrigindo-o; reforma-se a escripturação escolar; substituem-se programas de ensino, dando-lhes uma disposição correspondente ás necessidades da escola; organiza-se perfeito serviço de estatisticas que dizem do exacto das nossas realizações, e finalmente, reunem-se, vez por outra, professores de todos os municipios em assembléas que representam trabalho util e congraçamento edificante.

Temos, assim, realizado, palmo a palmo, grande parte de nossas aspirações: o desenvolvimento do ensino na Parahyba.

Não nos deixemos illudir, porém.

A questão do ensino impõe uma acção continuada, ininterrupta. Não é em três annos que se transforma o ensino publico. Ao contrario das obras da fachada, os beneficcios da instrucção, apesar de seguros, são lentos, quasi imperceptiveis. Os fructos de uma escola que se installa hoje serão apreciados annos depois.

A Parahyba vem realizando o que está nas suas forças, mas precisa, dentro da sua conhecida energia, elevar o trabalho iniciado que não póde deixar de progredir. Cumpre-nos accudir populações inteiras que anseiam por instrucção; necessitamos crear e desenvolver o ensino rural — o verdadeiro formador do homem

do campo; urge olharmos com o carinho indispensavel para essa ifigura obscura e constructora que é o professor, sem o qual é impossível o progresso de um povo.

Mil outros problemas pedem solução. A escassez das rendas publicas não retardará este empreendimento, desde que não nos falte, cómo não faltará, a verdadeira comprehensão dos nossos deveres civicos.

Deus vela pela Parahyba e não consentirá que ella se diminúa aos olhos da nação.

O professorado do Estado na humildade de suas funcções e na altivez do seu temperamento, sabe distinguir dentre os homens publicos aquelles que pela honradez e trabalho fazem jús aos applausos de um povo.

Muito de proposito, diante dos numeros que representam grande parte do seu esforço, quiz trazer palavras de affecto a quem pelos serviços prestados á collectividade, impoz-se á admiração publica.

Quando o terrivel desastre da Bahia arrancou-nos esse moço superior que foi Anthenor Navarro, sentiui-se a Parahyba desolada ante um tumulo que se abria e uma crise economica que a dilacerava. Fôram momentos de indecisão e de angustia. Sentiamos que com o grande animador do ensino tinham-se ido as esperanças da salvação economica do Estado.

Entravamos noutro cyclo governamental. Ao mais moço dos interventores estava reservado um dos mais difficeis problemas da administração. No silencio do seu gabinete, sem reclames, naturalmente modesto, Gratuliano Brito iniciou á sua gestão que é, sem favor, uma das mais limpas e operosas que temos tido. Precisava equilibrar as finanças parahybanas, e assimurgia trazer á receita orçamentaria novos contingentes, sem o gravame odioso dos impostos. Entendeu s. excia. que novos rumos devia offerecer á nossa agricultura, orientar melhor a pecuaria, favorecer o pequeno agricultor, arrancar da terra novas fontes de riquezas, diminuir as distancias e dar escoadouro aos nossos productos.

Appareceram então as obras de vulto que hoje se distribuem por toda parte. O melhoramento dos rebanhos; o amparo á lavoura; o aproveitamento de terras até então incultas e hostis ao contacto do homem; a abertura de estradas; a fabrica de cimento; a usina de luz; o porto de Cabedello; amparo á iniciativa particular, sem contar o proseguimento do plano educacional de Anthenor, inaugurando em menos de três annos dez grupos escolares e a escola de sericicultura, os notaveis melhoramentos no Centro Agricola "Presidente João Pessoa", em Pindobal, e encarrando resoluta a construcção da Escola Superior de Agricultura em Areia.

É todo esse trabalho sem alarde, sem propaganda, obedecendo a um escrúpulo, às vezes, exagerado, em defesa dos dinheiros públicos.

Está a terminar s. excia. o governo a que dedicou a maior somma de energia de uma mocidade, até pouco tempo, extranha inteiramente a tão graves responsabilidades.

Para succedê-lo foi indicado em uma convenção memorável o dr. Argemiro de Figueirêdo. O modo como foi recebida a sua candidatura é bem uma esperança de como vai ser o seu governo. A' Instrucção Publica não é extranha a figura insinuante do futuro governador. Como Secretario do Interior já deu sobejas provas do seu amor ao ensino.

Sempre solícito a tudo que diz respeito ao interesse publico, Argemiro tem em cada professor um admirador entusiasta, maximé em sabendo que s. excia. inscreveu em letras de ouro no alto de sua plataforma: "Instrucção e Saúde Publica". Estas palavras dizem do muito que ha de realizar o moço politico que sabe collocar as necessidades de um povo acima dos interesses dos partidos.

O movimento revolucionario de 1930 veio mostrar aos parahybanos novas figuras que na administração e na politica engrandecem o nome do Estado, elevando o seu conceito aos olhos da Nação. Assim foram Anthenor — idealista e dinamico; Gratuliano, — operoso e guarda indormida dos interesses publico, e Argemiro, leal e destemido, a quem a victoria sorri porque já é um victorioso. São vultos que receberam o exemplo desse homem invulgar que é José Americo de Almeida e assimilaram os ensinamentos do mestre de administração que foi João Pessôa.

# PROPHYLAXIA DAS MO- LESTIAS DOS OLHOS

DR. J. DE SEIXAS MAIA

A hygiene social occupa um lugar, o mais consideravel na vida das nações civilizadas.

Com razão se diz que o gráo de sua civilização pode ser medido pela perfeição de sua organização hygienica melhor, que pela intensidade de sua produção industrial ou por transitio commercial.

O papel de hygiene social é proteger o individuo nas collectividades e defendel-o dos perigos da molestia que o ameaça.

A hygiene dos jovens nos agrupamentos escolares, é um dos ramos desta sciencia, o mais importante, porque prepara para o futuro gerações vigorosas.

A hygiene escolar, sendo uma parte da geral, tem, desde 25 annos atraz, um lugar de destaque nas preoccupações dos sabios de todos os paises. Estuda a criança justamente quando seu crescimento é mais activo e seus órgãos e faculdades intellectuaes se desenvolvem com rapidez. As precauções a serem tomadas para assegurar ao escolar as melhores condições ao seu desenvolvimento physico, intellectual e moral são do dominio de hygiene escolar.

A velha dualidade do corpo e do espirito já desappareceu, e, actualmente, todos os pedagogos e medicos são accordes em reconhecer, como uma lei biologica fundamntal, a unidade do corpo humano e a solidariedade do physico e da intelligencia. A pedagogia e a educação physica não podem ser bem applicadas sem que se bazeem, no conhecimento completo do organismo da criança.

A escola tem na sociedade moderna uma grande importancia e é considerada a casa da criança; portanto deve ser construida para ella, correspondendo a todas as suas necessidades. E' ahí onde a criança permanecerá durante a maior parte do seu pe.

riodo de crescimento, periodo no qual todos os orgãos augmentam em volume e peso e passará por uma série de modificações profundas, cuja influencia se fará sentir durante toda a duração de sua vida.

E' nestes centros que se devem fazer não somente sua educação intellectual e moral como também sua educação physica.

A escola deve ser a séde do ensino de hygiene; alli o alumno deverá encontrar todo o bem estar ou melhor o conforto que talvez não tenha em casa de seus paes.

A criança quando frequenta a escola, devido a sua tenra idade, é muito predisposta a toda sorte de molestia; os germens infecciosos encontram em seu organismo um meio proprio á sua cultura e ao seu rapido desenvolvimento, por isso é de toda necessidade assegurar-se á salubridade do meio em que ella vive, dando-lhe ar, espaço e luz.

Dentre as molestias escolares faço um ligeiro estudo das que se manifestam no aparelho de visão.

As affecções oculares pódem ser contagiosas ou não e como exemplo, deste ultimo caso, cito a myopia escolar. E' commum de ver-se nas escolas, este vicio da refração em crianças de tenra idade.

A myopia axial, devido o alongamento do eixo antero posterior do globo ocular, é uma deformação causada pelos trabalhos escolares.

Os factores que concorrem para a producção de myopia são de 3 ordens: predisponentes, coadjuvantes e efficientes. Como causa predisponente cita-se a herança, cuja influencia é computada em 50% dos casos e, por isso, deveria haver maiores cuidados para com os alumnos, cujos paes fossem affectados de myopia. Além de hereditariedade, podem predispor á myopia, todas as molestias que enfraqueçam a resistencia do globo ocular á acção das causas que produzem a sua deformação.

Como factores coadjuvantes são incluídas as opacificações da cornea e o astigmatismo que concorrem para a agravação da myopia.

A causa eficiente de myopia é o trabalho visual a curta distancia e continuado por muito tempo e, assim, se produz intensa intervenção de accommodação, que é o que determina a deformação do globo ocular.

Os factores que concorrem para que o trabalho visual seja feito em condições de determinar a myopia são a illuminação deficiente, mobiliario escolar inadequado, a má hygiene da leitura e da escripta e o horizonte muito limitado.

A deficiencia de illuminação actua de modo consideravel, na producção da myopia, porque ha necessidade de approximar dos olhos os objectos mal illuminados, a fim de produzirem imagens maiores.

O mobiliario escolar inadequado determina approximação muito grande entre a cabeça do alumno e a carteira, obrigando-o a



Professor José Baptista de Mello, Director do Ensino e Presidente da Segunda Semana Pedagogica.

se curvar para a frente. Isto faz com que haja excessivo esforço de accommodação.

O horizonte muito limitado é um factor importante para a myopia, porque os olhos precisam ser dirigidos para pontos remotos, a fim de que a visão necessite um minimo de accommodação e possam bem repousar.

A prophylaxia de myopia escolar pode ser geral e individual. A primeira comprehende as medidas prophylaticas em beneficio de todos os alumnos, taes como illuminação da sala de aula, mobiliario adequado ás differentes estaturas dos escolares; trabalho de leitura e escripta feito de accôrdo com as regras da hygiene, preferencia pela leitura no quadro negro, porque exige pequeno espaço de accommodação; prohibição de trabalho escolar feito em casa, porque não pode ser fiscalizado pelo professor e interrupção dos trabalhos escolares para repouso da accommodação.

A prophylaxia individual consiste no exame dos olhos de todos os alumnos para verificação dos casos da myopia e prescripção de vidros correctivos, o que é medida indispensavel. O uso de vidros correctivos, não agrava a myopia, excepto o caso em que a criança usando as lentes biconcavas, continue a fazer seus trabalhos escolares á mesma distancia como anteriormente praticava.

Dentre as molestias escolares contagiosas e que se manifestam nos olhos estudarei a ophthalmia, as blepharites e o trachoma.

Dá-se o nome de ophthalmia á inflammção das conjunctivas ceculares com abundante supuração.

Os seus symptomas consistem em photophobia pestanejamento e sensação de dôr nos olhos.

A intensidade dos symptomas, depende do gráo da propria inflammção.

Quando a supuração for abundante e o doente sentir dôres fortes no globo ocular já existe ulceração na cornea, sendo esta uma complicação perigosa porque pode haver perfuração e hernia de iris. A ophthalmia é uma molestia contagiosa e muito commum nos escolares, sendo o contágio produzido directamente de uma criança a outra, havendo em muitas occasiões verdadeira epidemia.

A inflammção do bordo palpebral chama-se blepharite; observa-se sob duas formas principaes: escamosa e ulcerosa.

A primeira se caracteriza pela existencia entre os cilios de pellicula esbranquiçadas semelhantes ás que são encontradas no couro cabelludo; na segunda o bordo palpebral é coberto de crostas amarelladas. Sendo extranhas estas crostas observa-se hypertemia da pelle e ulceras.

Muitas vezes pequenos abcessos ahi se originam nas folliculos pilosos e grandulas sebaceas.

Os doentes de blepharite se apresentam com as palpebras

vermelhas e sensibilidade exaggerada dos olhos que facilmente, lacrimejam, sobretudo durante o trabalho. São sensíveis á luz, calor e ás poeiras. A blepharite se caracteriza por sua marcha chronica, podendo persistir durante alguns annos; em certos casos torna-se incuravel e o doente soffre durante toda a vida.

A forma ulcerosa produz a destruição dos cilios, acontecendo muitas vezes, o seu completo desaparecimento.

As causas de blepharite são geraes e locaes.

Sob o ponto de vista constitucional do doente, a anemia escrophulose e tuberculose são affecções que, sobre tudo na criança constituem uma causa frequente e gral de blepharite.

Entre as causas locaes cita-se a inflammção chronica de conjunctiva e o lacrimejamento constante, provocado por uma obstrucção no canal nasal.

Encontram-se nas raizes dos cilios, especialmente nos casos de blepharite com crostas amarellas, um parasita — "demodex folliculorum" que torna a molestia contagiosa nos escolares.

A prophylaxia, tanto de ophtalmia como das blepharites, consiste no isolamento do doente e desinfectção dos olhos com soluções antisépticas.

A conjunctivite glanulosa, tambem chamada trachoma é uma molestia escolar muito commum em nosso meio e perigosissima, porque pode produzir a cegueira.

O trachoma é molestia universal: existe no mundo em percentagem, que varia com as diversas regiões. Das doencas oculares é a mais espalhada sobre a superficie da terra.

No Brasil, segundo alguns autores não havia trachoma antes de 1888 e para outros desde muito antes desse tempo já existia pelo interior do Norte do Pais em pequena proporção. Havia um foco no Ceará de onde se irradiava para os Estados da Parahyba, Rio Grande do Norte e Maranhão.

O que não resta duvida é que, após a abolição da escravatura, houve grande immigração de estrangeiros, para o nosso Pais, especialmente italianos, que fixaram residencia em S. Paulo. Com estes elementos veio tambem o terrivel trachoma que, actualmente, pode ser considerado a molestia ocular mais espalhada no Brasil.

A estiolgia desta affecção, até agora não está bem elucidada, quanto ao descobrimento do germem responsavel pela doença.

Admitte-se, entretanto, que se trata de uma molestia infecciosa, transmittindo-se nos individuos, por contacto directo ou indirecto.

Existem factos que facilitam a contaminação; exarcebam os phenomenos morbidos; prolongam a duração da molestia, ou, ao contrario, acarretam um certo estado da immuidade, tornando a doença mais benigna e a sua marcha mais rapida.

Esses factos podem agir de forma a predispoem o organismo ao acommetimento ou a determinarem a molestia, donde se conclue que ha causas predisponentes e determinantes.

Como causa predisponente achase o estado individual (predisposição e immuidade individuaes). A esta juntam muitos autores outras a que chamam subsidiarias: clima, solo, raça, nacionalidade e más condições geraes de hygiene.

A causa determinante, na sua especificidade, não é ainda conhecida, porém não padece duvida que se trata de molestia infecto contagiosa.

Os doentes trachomatosos em geral, se queixam de perturbações visuaes imprecisas, não existindo ainda nem supuração e nem agglutinação dos cilios.

Estas perturbações vão se accentuando aos poucos e começam os doentes a acusar sensações especiaes, como as de peso nas palpebras e a de presença de corpos estranhos.

Em eguida queixa-se de ardor, lacrimejamento e de não suportarem bem a luz (photophobia).

Os sintomas objectivos são a secreção purulenta e a diminuição de fenda palpebral. Os olhos se apresentam semi-fechados e secretantes. Esta diminuição da fenda palpebral é devida a uma ptose parcial da palpebra superior.

Attribue-se a ptose á photopho e o espessamento de conjunctiva tarsal ao de palpebra, que faz com que esta, com seus movimentos dificultados, se abaixe naturalmente.

Fuchs dá outra explicação dizendo ser ptose precoce devido a paralyia do musculo elevador das palpebras, cujas fibras são atacadas também pela inflammação.

A prophylaxia do trachoma consiste no seu tratamento e nos lugares onde existem muitos doentes desta molestia, tem sido creadas postos medicos para maior facilidade no seu diagnostico e tratamento.

Os Estados Unidos defendem-se da infecção, impedindo a entrada no pais, de trachomatores. O Brasil, porém, o recebe no Rio de Janeiro, e faz o necessario tratamento na Ilha das Flôres.

O Estado de S. Paulo comprehendeu a lista anti-trachomatosa instituindo um serviço de 40 postos medicos e 300 dispensarios, pelas cidades e fazendas do interior do Estado, dirigidos por profissionaes de comprovada competencia.

A noctificação compulsoria dos escolares, doentes de trachoma, para o seu isolamento e necessario tratamento, é uma medida de alcance geral, que deve ser posta em pratica.

Na escola os medicos escolares e os professores devem fazer prelecções sobre as regras de asseio e hygiene ocular, que impedem o contagio do trachoma.

A educação sanitaria de um povo deve começar nas escolas; e, somente, assim, concorreremos para a grandeza e prosperidade do Brasil.

# ENSINO PROFISSIONAL

---

MARIO MARQUES

O ensino profissional, entre nós, não é novidade; devido, porém, a orientação que lhe foi impressa na sua criação, ha vinte e cinco annos, vem se arrastando ao peso da burocracia que o torna quasi insufficiente.

D'ahi, quando falámos sobre o ensino profissional, a causar admiração. Entretanto, tem sido a preocupação constante de outros povos.

Na Suissa, Belgica, Hollanda, Dinamarca, Estados Unidos, mesmo, na Argentina e principalmente no Japão e na China que mantem na famosa universidade do trabalho de Charleroy, acerca de 400 alumnos. annualmente, é cuidado com o carinho merecido — essa estaca mestra da independencia dos povos. Meramente, post grande guerra que, infelizmente, ceifou milhares de vidas preciosas ao aperfeiçoamento material e intellectual das nações: onde ficou patenteado que, o mais forte é, não o que maior canhão possúe e, sim, o maior numero de escolas profissionais.

Os povos da velha Europa, abaladas nas suas economias e, ante a concorrência, vem procurando dar orientação nacional e scientifica ao trabalho. E' a transformação da sociedade, a necessidade de nivelar o trabalho ao capital, é a compreensão menos confusa do valor inestimavel do operario, do artista e do professor — obreiros anonymos deste surto formidavel de progresso que nos envolve.

O professor sempre relegado ao plano inferior, sem ser ouvido nas questões que mais de perto interessam os povos. Entretanto, os que dicidem os destinos dos povos — os luminares das sciencias, das artes e da guerra foram argilla plastica nas mãos dos professores.

Felizmente, na sua modestia, na sua humildade, desconhecendo as intemperies, as fadigas e, muitas vezes, mesmo, sacrificando o sagrado aconchego do lar para melhor cumprir esta missão sublime, este sacerdocio, já está chamado a colaborar na directriz dos povos.

Firamos, porém, friamente, o assumpto que o sr. director da instrucção ha ue por bem impor a minha incapacidade, qual anotomista.

Quero ser breve para não massar o illustrado audictorio.

Dividi este trabalho em duas partes que subordinei, aos titulos:

— Como deve ser ministrado o ensino profissional —  
Admissão ás escolas profissionaes. —

Estudemos a primeira parte do assumpto.

Ella póde ser comprehendida em três cyclos.

— O primeiro encerrando a parte que podemos denominar das letras o desenho isto é: — o estudo da lingua patria feito, não no sentido de . . . ., como dizem os professores gaulezes, aliás, com muito espirito —, "bouner le crane eleves des charses inutilles" — porém de modo que o futuro operario possa escrever e falar, sem rhetorica, mas com expressão e clareza.

A mathematica e as sciencias do operario comprehendendo — arithmetica — geometria — algebra — trigonometria — mechanica — physica — chimica — technologia.

No estudo da arithmetica — não ir além das proporções. Programma curto, exequivel. Programma para execução e não para constar.

Ensinar a metrologia, parte que o operario lança mão constantemente, não apenas, dizendo que o metro quadrado tem 100 decimetros quadrados ou que o metro cubico tem 1.000 decimetros cubicos, porem, mostrando ao alumno essa grandeza por meio de graphicos — é a anthmographia, — planos ou solidos é a arithmetica geometrica, para que elles tenham quando no estudo da geometria a verdadeira idéa da grandeza. A algebra e a trigonometria como gymnastica mental. No estudo da geometria mostrar a applicação que a morphologia geometrica tem no desenho e no que se relacione a technologia; mostrar, tambem que, a geometria auxiliada pela physica, póde determinar, com approximação sufficinte, o peso das differentes partes dos artefactos sem o concurso das balanças como, geralmente, se faz nas fabricas e officinas onde os operarios, infelizmente, desconhecem o preparo que lhs facultava, tambem, assim proceder.

Na physica e chimica, não se limita, simplismente, a explicar as suas leis e mostrar gravuras dos compendios ouapparelhos de laboratorio e, sim, demonstrando suas correlações com os trabalhos nas aulas — officinas e na industria.

No estudo da technologia desseram-se as cortinas que velam os segredos das artes ou officios; esse complexo mathematico — physico chimico é, tão necessario ao operario ou artista, como necessario é, o ar para a vida.

Deve ser ensinada com todas as minuncias e carinho que exige.



Um flagrante dos professores que estiveram em visita de estudo aos campos da Estação de Fructicultura do Espírito Santo.

Della depende o aperfeiçoamento das indústrias e, por conseguinte, a prosperidade dos povos.

Fazer o estudo do desenho industrial não, sómente, no sentido do alumno operario lêr desenhos mas, sim, mostrando as suas estreitas ligações com a geometria e com a tecnologia. O desenho industrial ou projectivo é a combinação destes dois ramos da sciencia, resultando a harmonia das linhas a elegancia das fórmulas, ao par da segurança da solidez e da economia.

O segundo cyclo — Estudos nas aulas — officinas — O mobiliario, a machinacia, as bancas, enfim, o conjuncto que fórma a aula — officina deve estar disposto de maneira que, o alumno-operario possa observar todas as demonstrações feitas pelo professor de pratica, das phases que passa o "test" que em breve o alumno-operario terá de executar.

O professor de pratica deve sempre estar collocado de modo que, num simples golpe de vista, possa controlar a marcha dos trabalhos dos seus alumnos.

O professor de pratica, antes de mandar os alumnos-operarios iniciarem um "test" deve explicar-lhes a nomenclatura das ferramentas que os alumnos empregarão mostrando sem maneio e o modo mais efficiente de utilizal-as.

Mostrar as phases dos "tests", em relação a tecnologia — Mostrar a posição que o alumno-operario deve manter durante os "tests" para com um esforço minimo produzir um rendimento maximo; para evitar deformações phisicas que possam, mais tarde, prejudicalo na vida industrial ou social — Marcar o tempo que o alumno-operario deve empregar para conclusão do seu "test" observando-o quanto a impontualidade, mostrando-lhe a origem das causas.

Os "tests" nas aulas-officinas devem ser gradativos, suaves, procurando tornal-os, antes, recreativos que obrigatorios para não fadigar os alumnos-operarios.

Repetil-os, quando julgar necessario, porem, empregando novos methodos para não produzir monotonia.

Terceiro cyclo — combinação dos dois cyclos precedentes.

Neste cyclo o alumno-operario já senhor da tecnologia e pratica de manejar as ferramentas, auxiliado pelo desenho constructivo, entra a fabricar artefactos com fins industriaes — E' a escola estagiana — nella fica completamente abolido o ambiente escolar, o alumno-operario passa a trabalhar sob a orientação de technicos. — E' a phase em que o alumno-operario põe a prova o que aproveitou dos "tests" que ás vezes julgára monotono e sem utilidade. O alumno-operario começa a sentir confiança em si mesmo, tem vontade de ir além, toma interesse pelas suas tarefas, consolidando seus conhecimentos. E' a resultante dos esforços. E' um factor productivo, um esteio novo, robusto, em que



Aspecto da visita dos professores aos estabelecimentos fabris de Rio Tinto.

poderão se apoiar os povos. É energia nova que vem alimentar as indústrias, trazendo progresso e felicidade as pátrias, como a nossa que tanto carecem.

Analysemos, a parte referente a admissão ás escolas profissionais.

Os candidatos ás escolas profissionais devem conhecer bem as operações arithmeticas fundamentaes, lêr e escrever regularmente. Candidatos analphabetos prejudicam, enormemente, os trabalhos nas aulas-officinas, pela transição brusca do lar para o ambiente escolar.

Nos educandarios profissionais, o esforço do alumno analphabeto é duplo — aprender a arte e alphabetizar-se. O trabalho mental, desenvolvido pelo alumno para assimilar as primeiras letras, as vezes, é superior a sua capacidade. Os professores conhecem, sobejamente, os esforços ingentes que, alguns alumnos, empregam ao iniciarem as primeiras lições, — uns, por defficiencia organica, outros, por defficiencia alimentar. Ora, — as candidatas ás escolas profissionais, geralmente, são mal alimentadas, digamos, mesmo, não alimentados, pois, entre nós, sabem das camadas mais humildes da sociedade. Como pedir um duplo esforço ao alumno mal alimentado?

Quando sabemos que elle, nestas condições, para aprender as primeiras letras já sobrecarrega o trabalho motor dos seus nervos.

Abandonal-o, em verdade, é um erro. Aceital-o, talvez, seja um erro maior, pois, pelo duplo esforço póde tornar-se em factor improductivo. Ha ainda outro factor que, infelizmente, não tomámos em consideração — é a concordancia entre a vocação e o physico do candidato. Considere-se que, o candidato, tenha de facto propensão para as artes e torne-se um habil artista. De que lhe servira essa habilidade, si a industria requer, ao par, da habilidade, uma capacidade productora na relação da que seu physico não pode dar — mais do em nenhum outro, é, neste caso, que a escola deve mostrar a sua acção orientadora e educadora. A finalidade do ensino profissional é, não meramente, produzir operarios ou artistas, sim, lançar homens capazes de revolucionarem o arcabouço empirico das nossas indústrias. Nós que possuímos a maior estrutura industrial da America do Sul, entretanto, possuímos, o menor numero de escolas profissionais. Dissiminemos, pois, educandarios profissionais, transformemos as nossas escolas primarias em escolas prevocacionaes que, em um futuro não remoto teremos essa incommensuravel planura desmedida, transformada em caminho excelso a margem do Atlantico.

# UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS JARDINS DA INFANCIA

Alice de Azevêdo Monteiro

Só uma desculpa posso apresentar por occupar a vossa attenção neste momento, embora seja ella uma mostra de egoismo que não desejaria possuir: o prazer intellectual de tão selecto auditorio. Conformaes-vos, porém: Na vida a alegria de um é constituida a mais das vezes pelo sacrificio involuntario de muitos, como soe agora aconleecer.

Por todos os Estados se alastra o movimento doutrinario em prol da escola e aqui na Parahyba, não é pequeno o numero de trabalhadores pela adaptacão das novas idéas. Amando o bando garrulla de adoraveis creancinhas que me cerca o dia todo almejo com toda a força dum temperamento combativo e progressista vêr a escola tornar-se para ellas dia a dia um centro de attracão, de alegria e de affecto. A Parahyba não pôde fazer a mingua de reus: as uma reforma perfeita na Instrucção como fez Pernambuco, Minas Geraes e alguns outros Estados do Brasil, mas, essa reforma se fará lentamente, será uma reforma organica progressiva, porque assim o deseja a vontade firme dos que dirigem o Ensino entre nós. Congreguem-nos para que esse desejo triumpho offereça cada professor a sua contribuição intellectual, embora pequena e sem brilho como a que offereço neste instante e, — teremos ganho de causa. Os idealistas na Instrucção já se contam, Deus louvado, ás centenas.

Não desejando afastar-me de minha especialidade de jardineira passo a falar-vos sobre o emprego do tempo num jardim da infancia. Reunindo o maior numero possivel de detalhes technicos que possam tornar praticavel esta licção a apresento em forma de "idéa central" seguindo o methodo froebeliano.

## IDÉIA CENTRAL PARA OS MESES DE FEVEREIRO A AGOSTO

## A mandioca

- I — Passeio a um roçado
- II — Arranca da mandioca
- III — Preparo do terreno e da maniva para plantio
- IV — Visita a uma "casa de fazer farinha"
- V — Conservação e construção de uma pequena "casa de fazer farinha"
- VI — Canto "A mandioca"
- VII — "A arranca no roçadinho da escola"
- VIII — A goma. Utilidade: mingaus, bolinhos.
- IX — Recitativo
- X — A crueira. A massa de mandioca

## I (a) Passeio a um roçado

Conduziremos as crianças a um roçado de mandioca. Indirectamente, façamos com que observem as plantas. Admiremos o verde das folhas viçosas, levando os meninos a compará-las com as plantas vistas no terreno da escola. Notaremos que as hastes, apesar de vigorosas se inclinam graciosamente ao sopro do vento, enquanto as folhas se agitam qual revoada de borboletas verdes. Louvaremos as malvas côr de neve e ouro e as graciosas campanulas azuladas que se enredam aqui e alli ao menor descuido do agricultor. Mais além distinguiremos as melancias, dum verde acinzentado, quando maduras. Colheremos alguns ramos de flôres agrestes, que conduziremos para a escola. Com que alegria os pequenos o farão! Como é lindo o campo tão verde! Parece um jardim! Ao regressar collocaremos cuidadosamente nossas flôres em vazinhos e a sala toda terá por algumas horas um aspecto que prolongará o prazer do passeio.

**Trabalho Manual** — Para os grandes: reprodução, pelo desenho, das flôres colhidas. Para os pequenos: colorir campanulas azues e amarellas esboçadas pela mestra.

## I (b)

Collocaremos sobre o cavalete um quadro representando um roçado de mandioca. Teremos o cuidado de ornalo com as flôres trazidas de nosso passeio. Collocaremos diante do cavalete as calcirinhas em fila. Faremos as crianças entrarem e ocuparem os lugares silenciosamente. Observarão o quadro: trocarão livremente idéas sobre elle, dizendo das lembranças que lhes traz. Recordaremos então os sons que percebemos no campo: o canto dos gallos de campina, de cabecinha rubra, o zumbido dos bezerros côr de ouro e de esmeralda, o farfalhar do vento nas folhas

das plantas. Terminaremos a aula cantando em côro uma canção sobre a mandioca, a qual será acompanhada ao piano..

## II

### A arranca

Voltaremos ao roçado. Dois ou três homens arrancam as plantas da mandioca. Um delles destaca as raizes (a mandioca, propriamente dita) e as vae empilhando, enquanto que um outro despe os caules inteiramente, decepando-lhes as folhas. Esses caules empilhados a um lado são conservados para a reprodução da planta. Um cavallo munido de caçuás aguarda a carga. Terminada a "arranca" são as raizes arrumadas nos caçuás e levadas para a "casa de fazer farinha".

Os caules da mandioca são cortados em pedacinhos de 10 centímetros de comprimento mais ou menos e postos á sombra. Com o nome de *maniva* aguardarão o momento do plantio.

Traremos algumas *manivas* para plantal-as no terreno da escola.

Trabalhos manuaes -- Para os grandes: entrançar uma esteirinha, um caçuá. Para os pequenos: collorir um facão, uma enxada, uma foice.

## I § I

### Preparar o terreno e a maniva para o plantio

Faremos revolver o terreno cuidadosamente e arranjar a terra em monticulos dispostos em linhas parallelas. As crianças formadas em fila diante das linhas de monticulos de terra recebem cada uma a sua maniva. Mostra-se-lhes então que os gomos que vêm e de onde sairão as folhas, devem, quando enterrados ficar voltados para cima. A um signal dado cada criança enterra a sua maniva em posição inclinada no monticulo que está diante de si.

## IV

### Visita a uma "casa de fazer farinha"

Em nossa visita ao roçado notamos que o cavallo com os caçuás a transbordar de mandioca era conduzido para a "casa de fazer farinha". Hoje o nosso carro nos conduz tambem alli. Ao passar o vehiculo diante do grande galpão, que é a "casa de fazer farinha", ouvimos de mistura com a toada monotonas de canticos *rocóros* o chiado, rim! rim! produzido pelo atrito de objectos de madeira, vindo da "prensa" e do "rodete". Saltamos. O proprietario da "casa de fazer farinha", que é o dono daquellas terras todas, alli está alegre e vigoroso, na brancura invariavel do seu casaco matuto. Mulheres acaboeladas, vestidas em chitas de côres gritantes, raspam a mandioca, atirando para o lado num

mente, as raízes agora côm de neve, maculadas no entanto pelo contacto das mãos calvas, que as trabalham, todas sujas da terra aiada apegada ás cascas que vão retirando. Adiante outras mulheres lavam a mandioca raspada e a vão depositando no rodête. O rodête é um aparelho constituido por um cylindro de madeira com aspois de ferro, movimentado por duas rodas tambem de madeira com as quaes se communica por meio de tiras de couro crú, duns 5 centímetros de largo. Ao veio dessas rodas estão dois fortes caboclos de camba encardida e cigarro a pender dos lebios. Uma cabocla moça e risonha vae collocando sobre o cylindro as mandiocas lavadas, branquinhas inteiramente, realizando assim o que se chama "cevar mandioca", enquanto os caboclos vão maneando os veios. Ouvimos então de perto o rim-rim! que percebemos da estrada. É o atrito das rodas, cujos eixos estão no entanto cuidadosamente untados com "azeite de mamona". Um recipiente, o côxo, vae recebendo a massa, enquanto a manipueira — o liquido restante da compressão das raízes trascas, vae escorrendo além, por um largo rêgo aberto no sólo. Terminara a operação de esmagar as raízes. A massa agora é comprimida numa prensa especial e a agua esbranquecenta que escorre num recipiente de madeira vae deixar allí, depois de algumas horas de repouso a goma nivea e delicada. Enxuta a massa pela compressão vae ser peneirada. Depois é levada ao forno construcção de alvenaria em forma cylindrica, cuja parte superior é destinada a receber a massa peneirada ou farinha. Um caboclo munido dum rôdo, — instrumento de madeira semelhante a um ancinho ao qual se houvesse arrancado os dentes, mexe a farinha constantemente. A isto se chama torrar a farinha. Um agradável odôr de biscoitos a tostar se espalha no ar. A farinha está prompta. Saccos brancos de algodão recebem-na. Carregados por cavallos com dois e quatro saccos, levam a rica e cheirosa carga aos mercados das cidades proximas, para o consumo da população tão gulosa da deliciosa "farinha de mandioca".

## V

### Conservação e construcção de uma "casa de fazer farinha"

Lembremos a nossa visita á casa de fazer farinha. Recordemos os ruidos ouvidos, a alegria dos trabalhadores, o grunhir dos porcos negros e roliços a se espojar na terra enxarcada dos rêgos. Um ninho de passarinhos que descobrimos por entre as vigas do tecto da casa cheia de sol e de rumores de vida.

Tendo feito preparar de antemão todos os utensilios que vimos, construiremos ainda com o auxilio dum operario e na propria escola a nossa pequena casa de fazer farinha. Cantaremos o nosso hymno enquanto trabalharmos. Prompta! Tão interessante e tão parecida com a que vimos a grande, a casa de verdade! Nella tambem faremos a nossa farinha.



Um aspecto da Assembleia da Sociedade dos Professores por ocasião da eleição do candidato eleitor representante da classe.

## VI

Canto: "mandioca"

Os versos deste cantico entoado em côro pelos alumnos devem-se referir ao fabrico da farinha em suas diversas phases. As crianças marcarão o rythmo fazendo gestos que completem as imagens expressas no canto.

## VII

(Mês de Agosto)

A arranca no roçadinho da escola

As crianças receberão cestinhos e em fila marcharão para o roçado. Assistirão a arranca da mandioca e receberão as raízes em seus cestinhos.

Ao voltar para a classe desenharão nos cadernos uma folha com uma planta da mandioca.

## VIII

A goma. Utilidade: mingaus, bolinhos

Trabalharemos as nossas mandiocas como vimos fazer na visita á casa de fazer farinha.

Recolheremos a farinha obtida em saquinhos de 10 centímetros. Cuidaremos da goma. Uma semana após fabricaremos bolinhos que serão assados na propria escola, se ahí houver fogão. Ao servir aos meninos o mingau e os bolinhos lembrar-lhes-emos todo o trabalho que é preciso realizar para conseguir-se tão rica e saborosa alimentação. Dir-lhes-emos do amor que devemos consagrar á terra e ás plantas; a utilidade do trabalho por mais humilde que pareça, o respeito e o carinho que nos devem merecer os humildes e anônimos agricultores sem cujo trabalho rude e persistente ninguém pôde viver.

Mostraremos a nobreza das modestas profissões.

## IX

Recitativo

## X

A crueira. A massa da mandioca

\*) Quando peneiramos a massa para torrala notámos que os residuos que ficavam na peneira eram recolhidos em um recipiente. Estes residuos serão depois levados ao sol para seccar.

Quando seccos serão socados ao pilão e guardados em saccoes destinando-se á alimentação dos animaes. Constituem o que se chama *cruêira*.

b) Tomam-se algumas mandiocas, que são postas de imersão na agua por espaço de 8 dias mais ou menos. São então espremidas num panno de algodão forte, e formando o que se chama a massa de mandioca. Nas casas de fazer farinha põe-se a mandioca — quando molle após a imersão na agua — na prensa, para ser comprimida.

Esta massa depois de apresentada ás crianças deve ser aproveitada em bolinhos, distribuidos mais tarde por occasião da merenda.

## XI

### A lenda da mandicca (Da Rodania)

Roquete Pinto

Zatimare e a sua mulher, Kêkêterô tiveram um casal de filhos: um menino, Zôkôôiê e uma menina, Atiôlô. O pae amava o filho e desprezava a filha. Se ella o chamava elle lhe respondia por meio de assobios, nunca lhe dirigia a palavra.

Desgostosa, Atiôlô pediu á sua mãe que a enterrasse viva, visto como assim seria util aos seus. Depois de longa resistencia ao estranho desejo, Kêkêterô acabou cedendo aos rogos da filha e a enterrou no meio do cerrado, onde ella não poudo resistir, por causa do calor. Rogou que a levasse ao campo, onde tambem não se sentiu bem. Mais uma vez supplicou á Kêkêterô que a mudasse para outra côva, esta ultima aberta na matta. Ahi achou-se á vontade. Então pediu á mãe que se retirasse, recommendando-lhe não lhe volvesse os olhos quando ella gritasse.

Depois de muito tempo gritou. Kêkêterô voltou-se rapidamente. Viu, no lugar em que enterrara a filha um arbusto muito alto, que tornou-se rasteiro á medida que d'elle se foi aproximando. Tratou da sepultura. Limpou o sólo. A plantinha foi se mostrando cada vez mais viçosa. Mais tarde, Kêkêterô arrancou do sólo a raiz da planta: era a mandioca. O casal chamou a Ojakôrê; os Parecis depois deram-lhe o nome de Kêê.

A memoria não é uma faculdade unica: ha **memorias** e não **memoria**. As **memorias** independem umas das outras sob o ponto de vista do desenvolvimento e poder. Nem todos se recordam da mesma maneira de certos factos. Se uns guardam em mente precisão os objectos que o cercam em dado momento, outros melhor se recordam das idéas na occasião suggeridas, da conversação, das theorias. Se um guarda melhor a côr, outro guarda a forma de certos objectos. Ha a memoria musical, a memoria numerica.

Tive uma amiguinha que se dizia o calendario da familia, pois jamais esquecerá a data dum anniversario de parente ou amigo.

A pronuncia duma memoria sobre as outras é muitas vezes produzida pelo interesse. Attenha-se melhor no que mais nos interessa e consequentemente tal idéa sobrepuja todas as outras.

Necessario se faz concluir que a divisão da memoria, sua independencia e superioridade pôde ser tanto uma consequencia de certas causas mentaes — attenção e interesse — como facto psychologicamente inexplicavel devido á propria estrutura dos centros nervosos.

Para recordar um mesmo objecto podemos empregar varios meios. Olhando uma paisagem guardaremos a lembrança do que vimos pela percepção da côr, da fôrma e da posição dos objectos, ou pela percepção sensorial do contacto com a natureza della fazendo uma descripção verbal perfeita. Temos assim como quer Binet, a fôrma sensorial onde as sensações palpitam como num quadro interior e a fôrma verbal, descripção em palavras, que ressoará em nossa audição interior.

Quando se quer gravar uma lembrança no espirito infantil é prudente mostrar-lhe um objecto que a provoque, porque a criança é antes sensorial que verbal. Se se mostrar a uma classe 10 objectos differentes e 10 palavras tambem differentes guardando o mesmo espaço de tempo e depois pedindo que os alumnos repitassem de memoria o nome dos objectos e as palavras ensinadas verificaremos que terão conservado muito maior numero de objectos que de palavras. Se deixarmos passar alguns dias e repartirmos e pedindo notaremos que as palavras foram esquecidas enquanto que o maior numero de objectos é ainda lembrado.

Tudo o que percebemos se nos apresenta de cinco ou seis fôrmas differentes : auditiva, visual, tátil, motora, intellectual e sentimental.

A criança recorda com uma vivacidade que é quasi sonho ou alucinação. Depois, a medida que cresce e que a intelligencia se desenvolve emprega a abstracção e a linguagem toma importancia substituindo as impressões sensoriaes. Um adulto pensa mais com palavras, mas, em compensação não representará tão bem quanto a criança a fôrma pittoresca das cousas.

Cada vez mais nos afastamos da escola verbalista responsável pelo esgotamento intellectual de mais de uma geração.

Nenhum methodo será entanto efficaç, completo, perfeito, se o educador a elle não se dedicar inteiramente, dando-lhe toda a força do pensamento.

Hoje temos o dever de mais nos preocupar com a neurologia e psychologia da infancia, com a anatomia do seu systema nervoso, do que com a organização de exames complicados e difficeis.

# COMO ORGANIZAR AS CLASSES ESCOLARES

*SYLVIA DE PESSÓA*

Não vos admireis da minha cooperação neste certamente. Sem autoridade no assumpto de que vou tratar, é uma ousadia, reconheço, enfrentar tão desassombradamente esta assembléa de mestres, onde muito tenho que aprender.

Sei de minha obscuridade, mas o enthusiasmo pela causa do ensino encoraja-me; portanto, aqui estou para resignada receber a critica de quantos se disponham a debater a minha modesta, quão despretenciosa palavra.

---

“COMO ORGANIZAR AS CLASSES ESCOLARES” é o thema da nossa palestra.

Este assumpto apresenta-me a imaginação uma infinidade de idéas — Pedagogia, Psychologia, disciplina e methodos.

Considerando, que, sem a escola não poderia haver a organização de classe, passemos a vista ligeiramente sobre a organização escolar. Está a cargo dos poderes estaduais e federaes a criação e extineção de escolas, planos geraes, organizações do ensino, reformas e tudo o que diz respeito a parte financeira; desta sorte ingressa o professor na escola brasileira, do mesmo modo que noutros países, encontrando já determinados por decretos, disciplinas, programmas, horarios e numero de annos que devem cursar o alumno, creança ou adulto, que se destine á escola elementar, secundaria ou superior.

Outros programmas da organização ficam sob o dominio da Pedagogia, cabendo a Didactica prestar o seu concurso na realização do ensino.

A organização de classe offerece-nos um caracter es-

sencialmente pratico, dependente de principios e regras que todo professor deve conhecer e seguir, se não quer ter um trabalho improficuo.

A organização pedagogica abrange:

- 1) Admissão e classificação dos escolares.
- 2) Elaboração, classificação e aprovação dos programas.
- 3) Conveniente distribuição do tempo.
- 4) Escolha dos livros e organização dos cadernos.
- 5) Preparação das lições.
- 6) Disciplina.
- 7) Cooperação dos paes.

De accôrdo com o decreto n. 1.489, que altera o Regulamento do Ensino P. Primario, que baixou com o decreto n. 873, de 21 de dezembro de 1917, ha entre nós diversos typos de escolas: escolas de Parvulos, tambem chamada jardim de infancia ou escola maternal, cujo fim é estabelecer a transição entre a familia e a escola.

Nestas são admittidas creanças de três a seis annos. Existem entre nós em numero limitadissimo.

A escola elementar, segundo typo, é a base de todas as escolas educacionaes e profissionaes.

Em terceiro lugar vem a complementar, que é o caminho para o curso secundario. Temos ainda as escolas rudimentares nos centros ruraes ou suburbios, visando apenas a desanalfabetização.

A organização de uma classe começa na escolha da sala de aula e distribuição do material pedagogico, continúa no estudo psychologico da creança, termina na ordem e maneira de ensinar. Da regular organização provirá certamente o progresso de uma classe ou melhor de uma escola.

Falando sobre a sala de aula temos a considerar:

- a) Disposição das carteiras em relação á luz.
- b) Altura das mesmas em relação á classe a que se destina.
- c) Localização dos quadros negros.
- d) Excesso ou deficiencia de luz no ambiente escolar.
- e) Localização do professor.
- f) A necessidade de afastar tudo o que possa concorrer para a distração voluntaria da creança.

Isto feito, inicia-se o anno lectivo, abrem-se as matriculas e entra o professor em acção. Innumeras creanças affluem de todos os meios. Conhecida a paternidade do menino, o que convem saber?

— Edade, gráo de instruccão, se cursou alguma escola, que classe occupou, meio social em que tem vivido, informações estas que podem ser prestadas pelos paes e ás vezes pelas próprias creanças.

Sendo muito complexo o assumpto da organização de classe, escolho dentre os seus varios themes o da classificação.

A classificação faz-se no curso elementar como no secundario por meio dos chamados exame de admissão, os quaes apresentam muitas vezes materia superior á capacidade dos examinandos, donde provem, quasi sempre, o fracasso injustificavel de grande parte, quando não attinge a uma turma inteira.

Na escola elementar a classificação se estabelece para um curso, hoje, de cinco annos sob um programma exaggerado na extenção de algumas materias como Arithmetica e outras, e no numero de disciplinas em relação ao expediente escolar.

Talvez digaes... Mas os exames são feitos dentro da materia ensinada...

Sobre esta supposta objecção tenho a dizer: nenhuma disciplina se pode ensinar num abrir e feixar de olhos. Para organizarmos classes e classificarmos escolas, é preciso que haja preparo em cada gráo, e para que a materia seja aprendida, é mister, que ao lado da clareza do methodo que não pode ser uno quando não ha classe homogenea, sejam as lições repetidas três, quatro e mais vezes; que sejam as lições escriptas, argumentadas e recapituladas.

Mas, como fazel-o?... Em que tempo?...

Ha dias em que temos oito disciplinas, oito lições distinctas e ainda mais recreio, distribuição de trabalhos, correcção com a assistencia do alumno para que possa melhor observar e rectificar os seus erros, recolhimento de cadernos e ensaio de canticos patrioticos ou escolares; é esse o trabalho da sexta-feira de cada semana.

Podemos suppor para calculo, treze partes em que está dividido o trabalho, sem considerar os 5° de sahida.

O tempo determina 240', em media 18' e fracção para a realização de cada dever; o que poderá fazer o professor?

Restringir?! Desobedece... Realizar?! E' impossivel!!! Como então resolver o caso? Propondo collectivamente a autoridade competente a modificação ou a reforma do programma, o qual poderia na maior parte ser cumprido se pelo menos as classes fossem limitadas.

Com o programma em vigor eu premiaria ao professor que provasse ter realizado o ensino, fosse de Português, Arithmetica ou outra sciencia, com a eficiencia desejavel e sem prejuizo das demais.

Passa-se por cima das lições visando erroneamente um fim principal; vencer o programma. A lição explicada uma ou duas vezes se não fôr aprendida ficará para depois. E aquelle que não procede assim, ou vê corôado os seus esforços deixando-o incompleto, ou accumula materia deixando a creança confusa. Não pode ser o ensino efficiente.

Dahi as decepções porque passam os pobres professo-

res, após excessivo despendio de energia, quando vêm nas sabbatinas, nos concursos e nos exames finais, a falta cabal do aproveitamento de sua classe. Verifica-se ainda isso nas transferencias de escola. Alumnos applicados, cujos mestres têm reconhecido valor, são muitas vezes rebaixados de gráo, porque, o que aprenderam esqueceram, não foi solidificado. E quantas vezes concorre isso para que os alumnos percam o gosto e o estímulo para os estudos?

Não é raro em taes circumstancias sentir-se o professor abatido e revoltado contra si mesmo, sem contudo ser o responsavel directo daquelle resultado. Dentro destas considerações a classificação nem sempre pode ser definitiva.

Muitas vezes após alguns dias de experiencia vê-se o profesor na contingencia de transferir, quasi sempre para classe inferior, alumnos que não poderiam sem prejuizo permanecer na primitiva classificação. Aparecem tambem casos de promoção a classe superior.

Este anno mesmo no Grupo "Duarte da Silveira", regia eu a classe de analphabetos, quando nos ultimos dias de março pedi ao professor Arnaldo de Barros, então director daquelle estabelecimento, submettesse a exame para o fim de transferencia a classe de Cartilha, dois alumnos, que sem ter livro ainda, já liam qualquer das sentenças daquelle livro, exercitadas no quadro negro, contavam até 500, escreviam, emfim; tinham aproveitamento superior em todas as materias ensinadas.

Ponhamos em vistas certo numero de creanças de 7 a 9 annos. Como classificá-las?

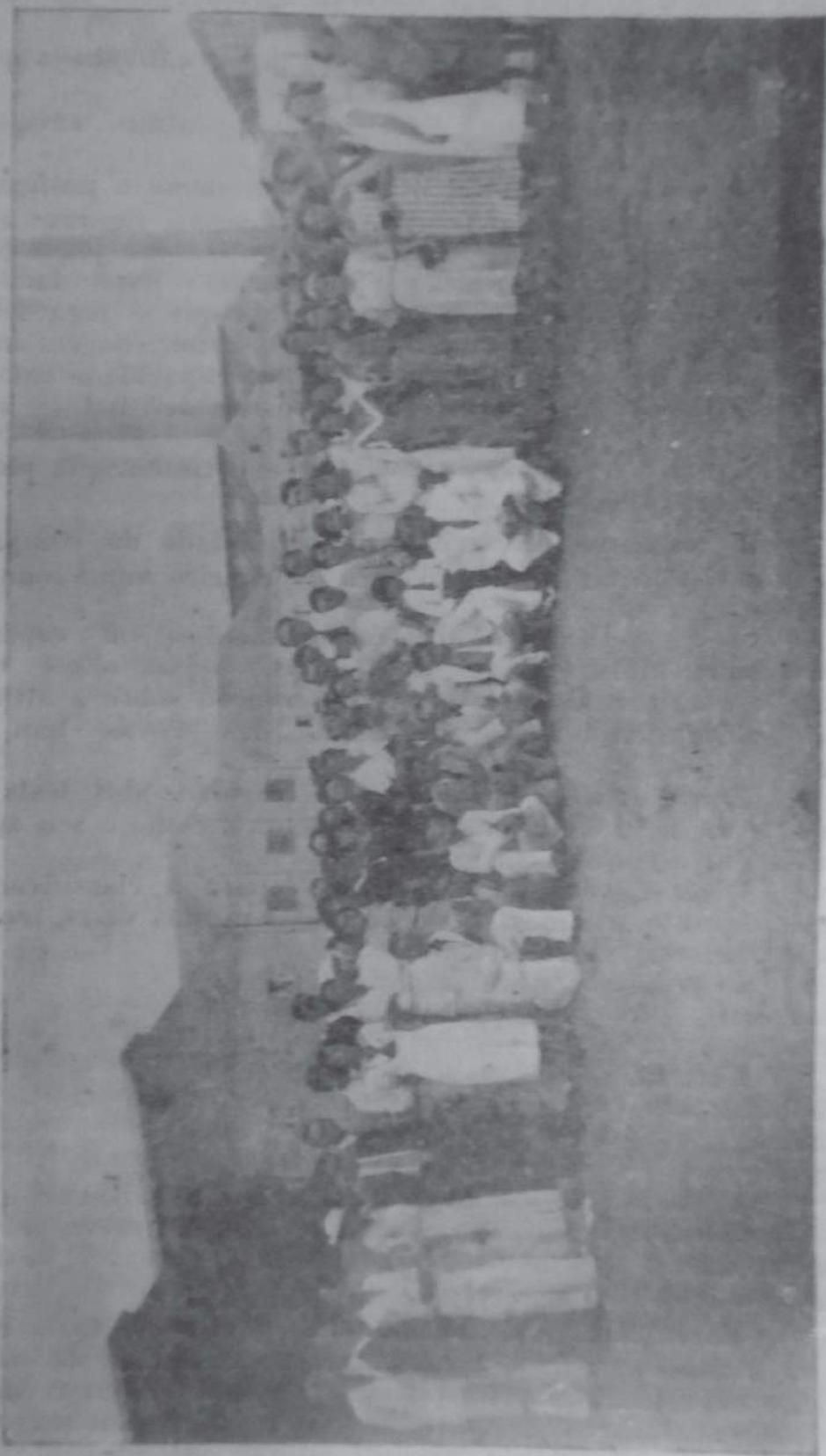
A classificação não é tarefa de um momento. Nota-se aqui a necessidade das escolas maternas, que em todos os municipios do Estado tornariam mais facil a classificação no 1.º gráo elementar das creanças de 7 annos, conforme determina o Regulamento da Instrucção.

Dias e dias são precisos para que possa o educador observar ás creanças sob todos os pontos de vista a fim de classificá-las. E' o professor obrigado a occupar, no primeiro trimestre o lugar de jardineiro, para poder aquilatar da capacidade intellectual, moral, physica, civica e religiosa, dos novos educandos.

Durante esse tempo occupar-se-á geitosamente em captivar e attrahir pelo trato familiar e amigo. As creanças identificadas com o mestre, lhe darão ensejo para descobrir os seus dotes naturaes, as suas aptidões, como as inclinações desordenadas.

Esse periodo de contacto e palestra fornece oportunidade para que cada menino, sem esforço, mostre o seu saber e ao mesmo tempo determina além da classificação a preparação

para a aprendizagem da leitura e da escripta, que devem mar.



Um aspecto da caravana de professores que em viagem de estudos visitaram Rio Tinto.

char paralelamente à do calculo. Isso, tendo-se em mente os alumnos dentre aquelles, que deverão formar pela futura classificação a classe de analphabetos.

Devem ser postos em acção os jogos educativos que estimulam e aguçam a intelligencia.

A gymnastica deve ser iniciada como revigorante mental.

Na falta do material didactico, muna-se o professor de varios objectos, cartões instructivos, estampas, figuras e solidos geometricos e quadros familiares; confeccione jogos para o ensino de calculos, Geographica e Historia, e para facilitar o exame de aproveitamento da leitura, fabrique e faça fabricar animaes e jogos em miniatura e com esta armazenagem inicie o seu trabalho. De modo imperceptivel a capacidade infantil o professor começa a introdução do ensino de todas as disciplinas.

Chega o tempo das provas. A experimentação pode ser individual ou collectiva.

A collectiva offerece a oportunidade da comparação da mentalidade infantil, não só para o primeiro anno como para os demais.

Só se pode distinguir conhecimentos ou capacidade estabelecendo uniformidade de themes, sejam oraes ou escriptos, e comparando provas. A observação sobre a attitudo e expressão physionomica por occasião das provas tem o seu valor.

Entra aqui a utilidade e necessidade dos tests apropriados a medir a idade mental do menino, como o seu aproveitamento em qualquer classe.

Esses devem ser organizados para a classificação do 1.º grão durante o trimestre e exercitados muitas vezes, tendo por objecto material já conhecido.

O professor pode organizar:

linguagem

concordancia

tests de

raciocinio

memoria

attenção

Tratando do exame intellectual, diz Erisman, que varios psychologos tentaram determinar a intelligencia pelo estudo de todas as faculdades, verificando-se porém a desharmônia dessas experiencias.

Ebbinghaus, estabeleceu, que a attitudo mais elemental na psychologia de um homem é a capacidade de combinação. Decorrente desse principio, se queremos avaliar a idade intellectual de uma creança devemos dispor themes de experimentação tão simples quanto possivel ao seu entendimento.

Os tests de forma interrogativa, affirmativa ou descriptiva, podem encerrar sentido perfeito ou imperfeito; podem tambem encerrar calculos mentaes ou apresentar idéas desorganizadas, nem todos porem, se podem prestar ao exame intellectual para a organização da classe inicial.

Podem ser os tests applicados a todas as classes e utilizados para fins diversos notando-se, entretanto, a necessidade de adaptação não só á classe escolar, como principalmente á social, quando o fim é organização.

Claro está que creanças de convivio inferior, jámais poderão ter desenvolvimento mental e vocabulario equivalente ás que se educam num meio civilizado e culto.

A influencia social manifestada de paiz a paiz, de cidade a cidade e até de individuo a individuo, deve ser mais um ponto de consideração na organização de classe, para que se possa obter um aproveitamento mais ou menos uniforme.

A proposito de adaptação: Binet, conhecido psychologo, varias vezes, teve de modificar os seus tests preliminares cujos resultados nem sempre foram satisfactorios nas escolas francêsas e que não poderam ser uteis á escola norte-americana, por serem muito faceis.

Data de 1911 a ultima revisão dos tests de Binet.

Apresenta-nos elle series de tests para serem applicados a criança de 3 a 12 annos e para 15 annos; não dá a razão da ausencia dos tests de 11, 13 e 14 annos.

Cada serie de Binet tem 5 tests para cada idade, excepto para 4 annos, que conta apenas quatro tests.

Para uma idéa mais clara transcrevo a serie para 3 annos.

- 1) Apontar o nariz, os olhos, a bocca.
- 2) Repetir grupos de dois numeros digitos.
- 3) Enumerar os objectos que vê em um quadro.
- 4) Dizer o seu nome de familia.
- 5) Repetir uma phrase de seis syllabas.

Para 5 annos.

1) Comparar os pesos de duas caixas, em tudo mais, eguaes.

- 2) Copiar um quadrado.
- 3) Repetir uma phrase de 10 syllabas.
- 4) Contar quatro moedas.
- 5) Unir as metades de um triangulo bipartido.

Deixo de transcrever os demais por ser muito longa a lista.

Como vêdes apresenta-nos Binet, tests sem noção de sua applicação.

Terman, fazendo a revisão norte-americana depois de idade de três annos

"Para 3 annos".

milhares e milhares de experiencias modificaram os tests de Binet.

Submetto a vossa apreciação apenas os applicados a idade de três annos.

(Cada tests vale 2 menses).

1) Apontar para partes do corpo: nariz, olhos, bocca e cabellos. "O test se considera passado se a creança dá pelo menos três respostas certas".

2) Nomes de objectos familiares: chave, penna, canivete, relógio, lapis.

"(Ao menos 3 respostas)".

3) Simples enumeração (ou melhor do que isso se puder) de objectos representados em quadros. Esses quadros são: a) uma casa hollandêsa, b) scena em um rio, e c) agencia de correio (ao menos 3 objectos em cada quadro).

4) Dizer o sexo.

5) Dizer o seu sobrenome de familia.

6) Repetir palavras ou phrases de 6 a 7 syllabas (ao menos uma vez em 3 tentativas).

Como vemos a serie para 3 annos, de Terman é mais longa e parece mais difficil.

Além do exposto que nada deixa de pratico apparecem os tests por meio de figuras geometricas e desenhos descritivos.

Terman, indica como meio positivo para medir a intelligencia o seu test denominado "bola de campo".

O thema é o seguinte: "Indicar num desenho circular em que só ha uma entrada e que figura um campo coberto de relva, que caminho faria para ter certeza de encontrar uma bola que ahí se perdeu".

Traçada uma circumstancia aberta leva-se a consideração da creança a hypothese de que representa um campo coberto de relva, onde cabiu uma pequena bola que a relva esconde. Pede-se que para retirala com mais certeza trace o melhor caminho. Responde Medeiros de Albuquerque, o melhor é incontestavelmente uma espiral, indo na periphéria para o centro.

Os tests de Herring são mais praticos, consistem em mostrar á creança quatro estampas, uma por uma, pedindo: "diga-me o que vê nesta figura", resultando que as respostas podem ser a enumeração dos objectos separadamente ou a indicação em forma descriptiva.

No 1.º caso tem um ponto por nota; no 2.º dois. Se chega a creança a interpretação perfeita, 3 pontos.

Se fizer a interpretação das quatro estampas, chegará a 12 pontos. Este test está mais claro que os demais.

Encontramos na "Lingua Materna" do dr. Xavier Junior, de saudosa memoria, tests de linguagem e de concordancia de grande valor, bem como de memoria. Os de raciocinio e cal-

culo mental podem ser orientados pelo jornalzinho "A voz do Professor", editado no Rio e dirigido por professoras especializadas.

Tests como este: Um omnibus para ficar lotado precisa de 2 dezenas e meia de passageiros. Quantos faltam para completar a lotação se nelle já estão accomodados 3 meias duzias de pessoas?

Podê ser o problema resolvido, em silencio, pela classe, procurando depois o professor vêr qual o meio de que serviu-se cada alumno.

Infelizmente a maneira de organizar os tests é ainda muito falha entre nós, fazendo-se sentir a necessidade de um tecnico, que, com profundeza os fizesse executar.

Procuramos levantar um edificio sem alicerces, valendo apenas o esforço e a bôa vontade dos que procuram realizar esse ideal. Conhecida a utilidade dos tests, bom seria que a Parahyba a exemplo do que fez o Districto Federal, mandasse habilitar pelo menos dois ~~dois~~ seus professores que viessem a ser instructores perfectos, guiando turmas de collegas, applicando os tests e apurando os seus effeitos, desde as classes iniciaes até as bancas de exame, concorrendo além do mais para a uniformidade de julgamento.

Para que possamos obter classes homogeneas, é mister que não nos descuremos dos tests que marcam a idade mental da creança, desta sorte evitar-se-á que marchem em parallelo capacidades oppostas, o que pode occasionar a indisciplina de uma classe, porque a creança que facilmente se adianta, certamente se distrahirá quando muits vezes fôr o assumpto repetido.

Feita a classificação outras preocupações occorrem a mente do professor: numero de alumnos em cada classe e a localização de analphabetos e desanalphabetizados, normaes e anormaes.

Segundo os principios pedagogicos, nenhuma creança deve iniciar o curso elementar antes dos sete annos e nenhuma classe deverá contar mais de trinta escolares, primeiro para que se evite o desenvolvimento antecipado do espirito, de que resulta innumeradas vezes a perda total de energia e o desequilibrio mental, segundo, para que possa haver real aproveitamento em cada classe.

São pontos estes indiscutíveis, que vivem entre nós em grande desharmonia, mas, que se não podem remediar pela falta de recurso dos poderes.

Determinado o numero de alumnos, convem verificar a capacidade visual ao lado da acustica, visto que, por principios anatomicos, influem consideravelmente na apprehensão e formação dos pensamentos.

Faltando-nos aparelhos apropriados a experimentação optica e acustica, offererem-nos Binet e Simon, meios praticos na applicação do quadro optometrico.

Esta medida pedagogica deve ser utilizada entre 11 e 14 horas. As figuras são collocadas a distancia de um metro, fixas na parede e a altura dos olhos dos alumnos.

O exame é feito por unidade.

A creança posta a distancia de 7 metros vae nomeando a figura a medida que o professor a aponta.

E' considerada de vista normal, a creança que nomear corretamente duas figuras dentre as três. Quando falha a experiencia, a creança deve ser aproximada com a distancia de um metro. Se fôr vencida a difficuldade, prova-se que ha defeito de visão, se porem a creança fica vacillante, é que talvez precise ser ampliado o seu vocabulario. Dá-se-lhe, então, o nome das figuras e recomeça-se a experiencia.

Conclusão: devem tomar lugar na primeira fileira os alumnos que tiverem visão anormal.

Sampaio Doria, aconselha para o mesmo fim, collocar cartazes visiveis na sala de aula, marcando-se previamente, a giz, a distancia em metros ou meios metros.

Conhecida a distancia em que o alumno lê bem, o professor os classificará, em "medios", "submedios" e "supermedios".

Os dizeres devem ser substituidos para cada exame, conservando-se, porem, a mesma legibilidade.

"A distancia media é o terço central, dividindo-se em três partes eguaes a distancia maxima".

Para a verificação da capacidade auditiva é preciso em primeiro lugar que haja perfeito silencio na sala de aula. (Maneira propria). Localizando-se o professor na sua carteira e em voz natural e clara, dirige-se á classe ao mesmo tempo que, por um lance de vista geral, observa o effeito de suas palavras.

A essa analyse não escapa a indifferença ou a distração involuntaria, do mesmo modo que se faz sentir o descaso voluntario da creança desattenta. De outros meios, ainda nos podemos servir. Por exemplo: Perguntas sobre o que se passa fora da escola, rodar de autos, carroças, rumor do vento, etc.

Podê servir para esta prova tambem o tic-tac do relógio, o signal do recreio, o bater de uma regua, etc.

A essa observação que depende da pachorra e interesse do professor a bem dos seus alumnos, segue-se o inventario psicologico da creança a fim de avaliar a capacidade intellectual, que varia com a idade, com o methodo empregado e com o meio social.

Este é o ponto mais importante da organização.

O objecto do ensino precisa antes de tudo ser adequado não só á intelligencia, como á capacidade e apprehensão do edu.

cando. Infelizmente ainda não podemos ter um numero de professores bastante para a organização de classes homogêneas, considerando a idade, a capacidade physica, a idade mental e os ancrmas.

Ao professor cabe considerar a importancia que envolve o conhecimento particular, quando não profunda, das qualidades infantis.

Quem estuda o coração humano e procura conhecer os sentimentos da creança, analysando-os comparando-os quasi que naturalmente obtem a propriedade de penetração. Como que adivinha as virtudes e as faltas da infancia, identifica-se com ellas e como que arranca do subconsciente infantil cousas em reserva que impulsionam os pensamentos e os actos.

Estes conhecimentos, caros collegas, são o effeito da experiencia pessoal, são adquiridos pela psychanalyse, tendo ás vistas voltadas sobre nós mesmos, para o nossa infancia e enfim, pela auto-sugestão.

A disciplina é um dos pontos tambem muito importante na formação da classe. Suas normas dirão bastante da vida collectiva de uma escola, devendo-se ter em vista a natureza e a saúde da creança, a efficiencia do ensino e o fim da educação.

Como vêdes, são pontos diversos, cuja consideração influirá no conceito disciplinar de uma classe na escola nova.

A organização moderna não encarna a dureza esmagadora que intimida e acata, nem tão pouco a negligencia e moleza que destrói a autonomia do mestre. Não, o meio é sem duvida a perfeição. As normas disciplinares devem distar igualmente dos extremos.

Desapparece na nova organização a representação da classe antiga, ante a qual o professor era o carrasco intransigente e a sala de aula um ambiente de constrangimento. A actual organização impõe a disciplina espontanea.

A obediencia é o factor primordial de uma disciplina modelar. Esta, obtem-se por determinações simples e firmes em tom de amabilidade. Por meio de concessões e prohições, de premios, liberdade de acção, cultura do respeito, do affecto, da confiança e da estima.

A energia moderada inspira respeito, e o respeito se impõe pela palavra persuasiva e oportuna, pelo olhar penetrante e amigavel que domina ou castiga, pelo conselho, pelo exemplo enfim.

O professor guarda o segredo da verdadeira disciplina. Suas ordens devem ser claras concisas e moderadas para que se evitem as infracções.

É de grande valor o dominio proprio; a disciplina da propria personalidade, sem a qual tudo será improficuo na organização disciplinar.

Em nenhuma parte se faz sentir com mais energia a personalidade do professor, do que nas normas e conceitos para a disciplina de sua classe.

Não é o excesso da autoridade ou a violencia de caracter que faz vencer.

O professor dá ordens e as fiscaliza sem exaggero, deixando dentro de limites a liberdade de acção e movimento, ao lado do direito de comunicação dos seus alumnos, fazendo-os crear por meios determinados o habito de obedecer.

Pouco tempo mais, e a classe se dirige sem esforço e tudo vae em ordem.

A autonomia do professor reflecte-se dentro como fóra da escola.

Os meios que emprega já são de abrandamento.  
E' a força moral que dirige.



# 2.<sup>A</sup> SEMANA PEDAGOGICA

---

Realizada em João Pessoa, em novembro de 1934

## PRESIDENTES DE HONRA:

Exmo. Sr. Doutor Gratuliano Brito, Intervenar Federal no Estado da Parahyba.

Exmo. Sr. Doutor Argemiro de Figueirêdo.

## COMISSÃO EXECUTIVA:

Professores José Baptista de Mello e Eduardo de Medeiros; dr. Matheus Augusto de Oliveira, mons. Odilon Coutinho, drs. José Gomes Coêlho, Manuel Florentino da Silva, Luiz Gonzaga Burity, José de Seixas Maia, Octacilio de Albuquerque, Oscar de Oliveira Castro, professores Mario Marques, Olivina Carneiro da Cusha, Sizenando Costa, João da Cunha Vinagre, Aluy-sio Xavier, Gazzi de Sá, Manuel Junior, José Bento de Moraes, Leonidas Santiago, Francisco Rangel e Mario Gomes Pereira de Sousa.

## COMISSÃO DE RECEPÇÃO

Professores Arnaldo de Barros Moreira, João Vinagre, Joaquim Santiago, Francisco Salles, João Falcão, Sylvia de Pessoa e Julita Vasconcellos.

## COMISSÃO DE ESTUDOS TECHNICOS:

Professores Sizenando Costa, Manuel Vianna Junior, Francisco Rangel, Leonidas Santiago, José Bento de Moraes e Mario Gomes.

## COMISSÃO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA:

Professores Mario Gomes Pereira de Sousa e Manuel Cavalcante.

## COMISSÃO DE FESTAS:

Professores Joaquim Santiago, Olegario de Luna Freire, Alice Monteiro, Benigna Leal, Geny Mesquita, Maria Augusta de Vasconcellos, Daluz Bonavides, Rachel Cantalice, Ecila Lins de Mendonça e Herundina Campello.

### PROGRAMMA GERAL

- PRIMEIRO DIA (*sabbado, 3 de novembro*) — A's 19,30  
— Inauguração da exposição de quadros estatísticos sobre o ensino primario na Parahyba.  
A's 20 horas — Grande manifestação do professorado aos presidentes de honra drs. Gratuliano Brito e Argemiro de Figueirêdo, fazendo, nesta ocasião, o professor J. Baptista de Mello uma exposição sobre o ensino na Parahyba.
- SEGUNDO DIA (*domingo, 4 de novembro*) — A's 19,30  
— Abertura da 2.<sup>a</sup> Semana Pedagogica pelo exmo. Sr. Interventor Federal. Palestra sobre "Methodologia do Ensino das Matematicas" pelo professor dr. José Gomes Coêlho. Canto orpheonico pelas alumnas da Escola Normal.
- TERCEIRO DIA (*segunda-feira, 5 de novembro*) — A's 8 horas — Visitas aos estabelecimentos de ensino.  
A's 14 horas — Reunião da 1.<sup>a</sup> comissão technica.  
A's 19,30 — Sessão plenaria — Palestra sobre "Profiliaxia das doenças dos olhos" pelo professor dr. J. de Seixas Maia. Audição de canto e musicas regionaes por Melles. Else Hermeto, Maria Caçador, senhores Milton Fagundes, Moacyr Uchôa, Esmeraldino Pinho, Edson Dantas, Milton Dantas, Claudio de Luna Freire e maestro Oliver Von Shosten.
- QUARTO DIA (*terça-feira, 8 de novembro*) — A's 8 horas — Visitas aos estabelecimentos de ensino.  
A's 14 horas — Reunião da 2.<sup>a</sup> comissão technica.  
A's 19,30 — Sessão plenaria — Palestra sobre "Animacs uteis e animaes prejudiciaes ao homem" pelo professor dr. M. Florentino da Silva. Canto orpheonico pelos alumnos de grupos escolares.
- QUINTO DIA (*quarta-feira, 7 de novembro*) — A's 8 horas — Visitas aos estabelecimentos de ensino.  
A's 14 horas — Reunião da 3.<sup>a</sup> comissão technica.  
A's 19,30 — Sessão plenaria — Palestra sobre "A attenção nas aulas", pelo professor dr. Oscar de Castro. Hora de arte, pela Associação Parahybana pelo Progresso Feminino.
- SEXTO DIA (*quinta-feira, 8 de novembro*) — A's 8 horas — Demonstração de gymnastica.  
A's 9 horas — Visita a Rio Tinto.
- SETIMO DIA (*sexta-feira, 10 de novembro*) — A's 8 horas — Visita aos estabelecimentos de ensino.

A's 14 horas — Reunião da 4.<sup>a</sup> comissão técnica.

A's 19,30 — Sessão plenária — Palestra sobre "Ensino profissional" pelo professor Mario Marques. Programma do Radio Club da Parahyba.

OITAVO DIA (*sabbado, 10 de novembro*) — A's 8 horas — Visitas aos estabelecimentos de ensino.

A's 14 horas — Reunião da 5.<sup>a</sup> comissão técnica.

A's 19,30 — Sessão plenária — Palestra sobre "Uma contribuição para os jardins da infancia" pela professora Alice de Azevêdo Monteiro.

Canto orpheonico pelo 22 B|C. Encerramento da 2.<sup>a</sup> Semana Pedagogica.

NONO DIA (*domingo, 11 de novembro*) — A's 8 horas — Ferias do Jardim de Infancia do Grupo Escolar "Thomás Mindello".

A's 14 horas — Assembléa da Sociedade dos Professores.

A's 20 horas — Chá da cordialidade, offerecido pela Sociedade dos Professores.

## SECÇÕES TECHNICAS

### 1.<sup>a</sup>

Presidente — Dr. Matheus de Oliveira

Secretaria — Professora Auta de Luna Freire

Thema : "Meios de incentivar a frequencia escolar" "Como promover o recenseamento escolar".

### 2.<sup>a</sup>

Presidente — Professor Sizenando Costa

Secretaria — Professora Maria Augusta de Vasconcellos

Thema : "Na ausencia de predios escolares, que orientação deve dar o professor para a localização da sua escola?".

### 3.<sup>a</sup>

Presidente — Professor João Vinagre

Secretaria — Professora Adamantina Neves

Thema : "Como organizar as classes escolares".

### 4.<sup>a</sup>

Presidente — Professor Joaquim Santiago

Secretaria — Professora Celina Hamilton de Oliveira

Thema : "Instituições escolares; como organizalas".

5.ª

Presidente — Professor Francisco Salles  
 Secretaria — Professora Debora Duarte  
 Thema: "Como supprir o material didatico em uma escola pobre".

Secretaria geral — Professora Alice de Azevêdo Monteiro.

## ORDEM DAS VISITAS AOS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

### PROFESSORES DA 1.ª e 2.ª ZONAS ESCOLARES

- 1.º dia (*segunda-feira, 5 de novembro*)  
 Escola Normal e Lyceu Parahybano  
 2.º dia (*terça-feira 6 de novembro*)  
 Grupos escolares "Antonio Pessôa" e "Thomás Mindello".  
 3.º dia (*quarta-feira 7 de novembro*)  
 Grupos escolares "Epitacio Pessôa" e "Duarte da Silveira".  
 4.º dia (*sexta-feira 9 de novembro*)  
 Grupo Escolar "Isabel Maria das Neves" e Escola de Artifices.  
 5.º dia (*sabbado 10 de novembro*)  
 Collegio Diocesano Pio X e Grupo Escolar "D. Pedro II".

### PROFESSORES DA 3.ª ZONA ESCOLAR

- 1.º dia  
 Grupos escolares "Antonio Pessôa e Thomás Mindello".  
 2.º dia  
 Escola Normal e Lyceu Parahybano.  
 3.º dia  
 Grupo escolar "Isabel Maria das Neves e Escola de Artifices".  
 4.º dia  
 Collegio Diocesano Pio X e Grupo Escolar "D. Pedro II".  
 5.º dia  
 Grupos escolares "Epitacio Pessôa e Duarte da Silveira".

## PROFESSORES DA 4.ª ZONA ESCOLAR

1.º dia

Grupo escolares "Epitacio Pessoa e Duarte da Silveira".

2.º dia

Collegio Diocesano Pio X e Grupo Escolar "D. Pedro II".

3.º dia

Grupos escolares "Antonio Pessoa e Thomás Mindello".

4.º dia

Escola Normal e Lyceu Parahybano.

5.º dia

Grupo Escolar "Isabel Maria das Neves e Escola de Artifices".

## PROFESSORES DA 5.ª ZONA ESCOLAR

1.º dia

Grupo Escolar "Isabel Maria das Neves e Escola de Artifices".

2.º dia

Grupo escolares "Epitacio Pessoa e Duarte da Silveira".

3.º dia

Collegio Diocesano Pio X e Grupo Escolar "D. Pedro II".

4.º dia

Grupos escolares "Antonio Pessoa e Thomás Mindello".

5.º dia

Escola Normal e Lyceu Parahybano.

## PROFESSORES DA 6.ª ZONA ESCOLAR

1.º dia

Collegio Diocesano Pio X e Grupo Escolar "D. Pedro II".

2.º dia

Grupo Escolar "Isabel Maria das Neves e Escola de Artifices".

3.º dia

Escola Normal e Lyceu Parahybano.

4.º dia

Grupo escolares "Epitacio Pessoa e Duarte da Silveira".

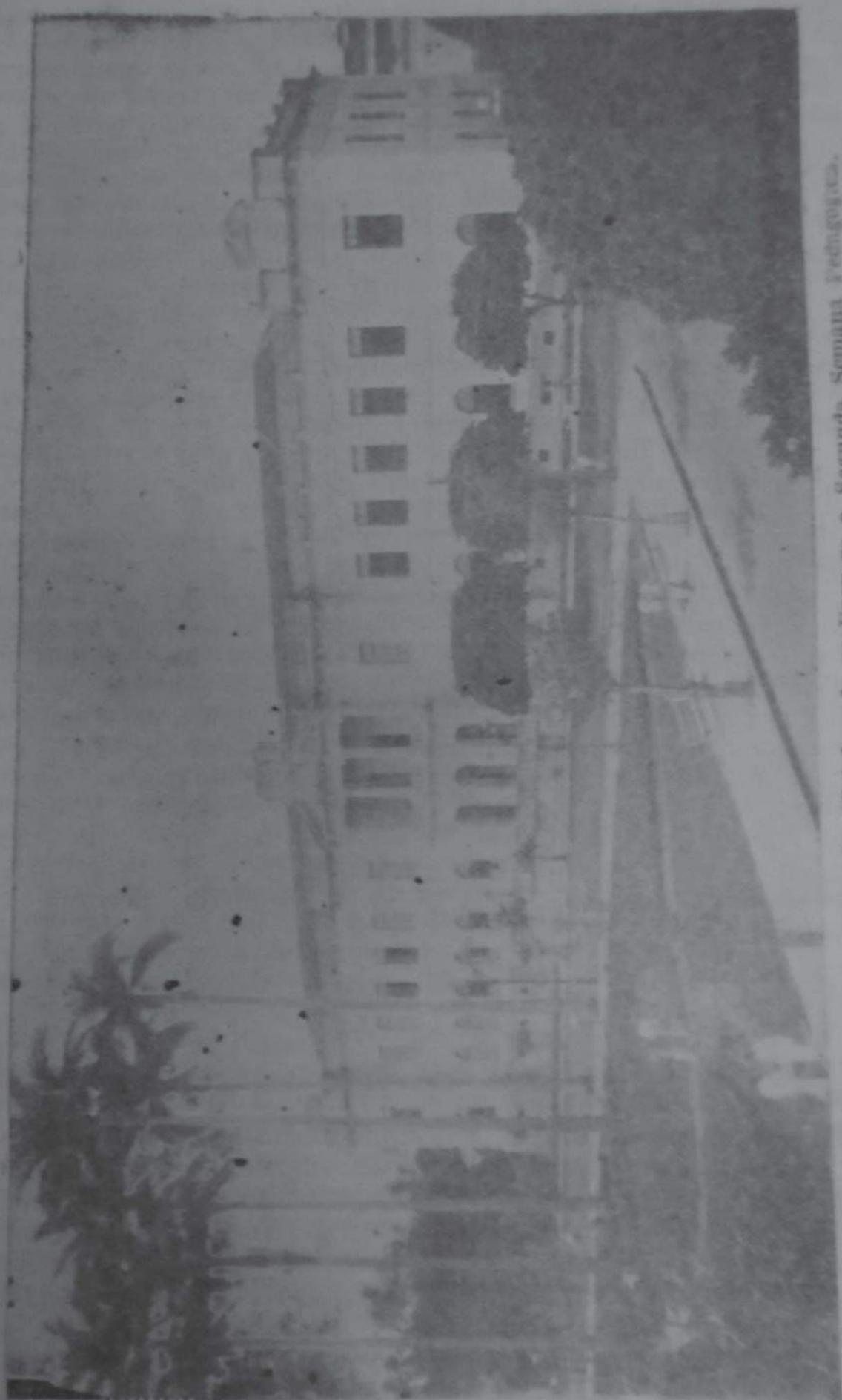
5.º dia

Grupos escolares "Antonio Pessoa e Thomás Mindello".

## RESUMO DOS TRABALHOS

## 1.ª ACTA

Aos três dias do mês de novembro do anno de 1934, no salão nobre da Escola Normal, presentes o dr. Gratuliano Brito, interventor federal, dr. Argemiro de Figueirêdo, professor J. Baptista de Mello, director do Ensino Primario; dr. Matheus de Oliveira, director da Escola Normal, e dr. Dias Junior, reuniram-se em sessão os professores primarios do Estado com o fim de homenagear o dr. Gratuliano Brito e o dr. Argemiro de Figueirêdo, devendo ser então inaugurados os quadros de estatística educacional referentes aos annos escolares de 1931, 1932 e 1933. Eram presentes ainda professores das escolas secundarias do Estado, representantes dos jornaes e outras pessoas gradas. Usou da palavra o sr. director do Ensino Primario que dizendo dos fins daquella reunião, fez um historico do progresso do ensino entre nós durante a administração do sr. interventor Gratuliano Brito. Disse do avanço feito pelo professor parahybano no terreno pedagogico com a criação da Escola de Aperfeiçoamento e Jardins da Infancia, e com a applicação da technica moderna no ensino. Referiu-se á criação dos grupos escolares espalhados pelas zonas mais afastadas e até então esquecidas do Estado, do papel de congraçamento realizado pela Revista do Ensino, que leva a todos os pontos do Estado a voz do professor da capital e analisou finalmente a administração Gratuliano Brito louvando a segurança do estadista no resolver os mais serios problemas do seu govêrno. Disse da esperança do professorado na administração que se vae seguir, pois o nome do dr. Argemiro Figueirêdo que encabeçara o seu programma administrativo com a divisa "Instrucção e Saúde Publica", era uma garantia de pleno exito para a causa da Instrucção em nossa terra. Falou depois o dr. Gratuliano Brito agradecendo a manifestação dos professores na parte que lhe cabia. Achava porém, que o extraordinario progresso realizado na Instrucção Publica do Estado nestes ultimos tempos os proprios professores o tinham realizado pela boa vontade e esforço demonstrados. Realizaram o trabalho alli attestado pelos quadros estatísticos expostos e realizarem tambem o



Edifício da Escola Normal official onde realizou-se a Segunda Semana Pedagógica.

trabalho que se não vê e que justamente é o mais extenuante e que maior somma de dedicação, de esforço e de boa vontade exige que é o preparar no silêncio das escolas, sem grandes recursos o futuro cidadão da Patria. Recebera o Estado ainda sob o abalo produzido pelo choque renovador de 1930 e se não fizera o que devia fazer, fizera o que era possível fazer. O professor parahybano, que se mostrara, tão bom collaborador em sua administração demonstrando tenacidade na segurança de querer e triumphar, teria no seu substituto, dr. Argemiro Figueirêdo o orientador seguro e cheio de boa vontade que todos já conheciam através de sua actuação como Secretario do Interior. Falou depois o dr. Argemiro Figueirêdo dizendo que a Parahyba tivera no joven estadista que alli estava presente um dos mais seguros e dedicados orientadores dos seus destinos. Dirigir uma obra já orientada nada é, mas reunir as partes ainda dispersas e constituir o todo perfeito é obra admiravel dos fortes. Foi o que fizera o dr. Cráuliano Brito durante a sua fecunda e brilhante administração. Referindo-se depois á Instrucção Publica declarou que o problema palpitante da Instrucção no Brasil resumia-se a mudar a presente orientação do Ensino de modo a fazer agricultores e homens do campo. O lavrador, disse s. exc. levado á escola apenas saiba lêr, escrever e contar logo é attrahido pela vida mais facil das capitães. E enquanto as cidades se enchem de burocratas e desoccupados, os campos estão desertos. Na escola o lavrador deverá aprender a escolher a boa semente o terreno mais proprio para o cultivo, aprendendo a amar a terra e o fecundo e nobre labor que só elle transformará o Brasil em nação forte e segura dos seus destinos. Prolongada salva de palmas cobriu as ultimas palavras do orador. Encerrou-se a sessão. E por nada mais haver occorrido lavrei a presente acta, que vae por mim assignada. João Pessoa, 3 de novembro de 1934. (ass.) Alice de Azevêdo Monteiro, secretaria geral da Segunda Semana Pedagogica.

## 2.ª ACTA

Aos quatro dias do mês de novembro do anno de 1934, ás 19 e meia horas, no salão nobre da Escola Normal, realizou-se a sessão inaugural da segunda semana pedagogica, presentes, o dr. J. Dias Junior, representante do dr. Argemiro Figueirêdo e que presidiu a sessão ladeado pelo sr. professor José Baptista de Mello, Director do Ensino Primario e dr. Matheus de Oliveira, director da Escola Normal, servindo de secretaria Alice de Azevêdo Monteiro, presentes mais professores das escolas primarias e secretarias do Estado, magistrados, representantes dos jornaes, estudantes e outras pessoas gradas. Usou da palavra o sr. director do Ensino Primario que explicou os fins daquela sessão. Brevemente alguns conceitos acerca da primeira semana pedago-

gica por s. s. organizada diz que foram tão claros e efficientes os seus effectos que se sentiu na necessidade de organizar o presente certame. Em seguida dá a palavra ao dr. Dias Junior. Dirigindo-se aos presentes em nome da autoridade que representava o orador referiu-se á moderna e efficaz orientação dada ao ensino primario pelo inesquecível interventor Anthenor Navarro, entregando pela primeira vez entre nós a causa do professorado em mãos do proprio professor. Ainda fôra acerto do mallogrado Interventor o confiar o cargo destacado e espinhoso de director do Ensino Primario á figura modesta e admiravel do professor José de Mello. Todos sentiam as excellencias da orientação trazida ao Ensino por um tecnico competente. Claramente a attestavam os quadros estatisticos que ornavam o salão. Referindo-se á função social do professor e ao idealista e phylosopho que precisa ser cita Carlyle e Milton, declarando finalmente inaugurada a segunda semana pedagogica. Occupou então a tribuna o dr. José Gomes Coêlho que cerca de uma hora dissertou sobre o thema "Methodologia do Ensino das Mathematicas". S. s. occupou-se especialmente do ensino da Geometria nas escolas primarias fazendo brilhante demonstração de excellent methodo ainda desconhecido pela maioria dos professores presentes. As palavras do acatado mestre foram ouvidas em grande interesse pela brilhante assistencia. Em seguida fez-se ouvir o orpheão da Escola Normal sob a direcção do maestro Gazi Sá. Applaudido entusiasmamente o sr. maestro foi levado a repetir alguns numeros do magnifico programma executado. Falou em seguida o sr. director do Ensino Primario, lendo a parte do programma referente ao dia 5, segundo da presente semana pedagogica, declarando inscripto para dissertar sobre o thema "Prophylaxia das doenças dos olhos", e dr. J. de Seixas Maia. O sr. presidente encerrou a sessão. E por nada mais haver occorrido, eu, Alice de Azevêdo Monteiro, secretaria geral da Segunda Semana Pedagogica lavrei a presente acta, que por mim vae assignada com o sr. presidente. João Pessoa, 4 de novembro de 1934. (ass.) Alice de Azevêdo Monteiro, José Baptista de Mello.

### 3.ª ACTA

Aos cinco dias do mês de novembro do anno de 1934, ás 14 horas, no salão nobre da Escola Normal, realizou-se a 1.ª sessão tecnica da Segunda Semana Pedagogica, presentes o dr. Mathcus de Oliveira como presidente servindo de secretaria a professora Aula de Luna Freire, presentes ainda o professor J. Baptista de Mello, director do Ensino Primario; inspectores technicos e professores primarios do Estado. O sr. presidente abrindo a sessão teve palavras de incentivo e louvor ao professorado parahybano e referindo-se á Segunda Semana Pedagogica congratulou-se com elle pelos resultados indiscutíveis que trará ao ensino

a aproximação do professor da capital aos collegas das zonas mais afastadas do Estado. Por em seguida em discussão o thema escolhido para aquelle dia "Como incentivar a frequencia escolar", "Como promover o recenseamento escolar". Usou da palavra o professor Mario Gomes que prendeu a attenção do auditorio em brilhante exposiçào de cerca de uma hora. Occupando-se da primeira parte do thema apresentado "Como incentivar a frequencia escolar estudou-o subdividindo-o em partes defendidas todas vigorosamente. Falou sobre a disseminação de escolas estímulo e propaganda por parte do govêrno e instituições sociaes, como circulos de paes e mestres, salientando o papel da imprensa na divulgação do movimento escolar e na propaganda do trabalho do professor. Referiu-se ainda ao enthusiasmo como principal qualidade do professor, á necessidade de sua illustração no manuseio constante das obras pedagogicas de valor, procurando levar a sua escola o que de mais moderno haja em methodos de ensino. Empregando a escola nova, ensinar divertindo transformando a escola de prisão em jardim. Citou a professora Alice de Azevêlo Monteiro e o seu "jardim de infancia" onde as creanças alegres e sadias recebem o ensino com a maior facilidade e effi-ciencia. Discutiu em seguida a segunda parte do thema, dizendo fazer-o ligeiramente por haver no recinto alguém em melhores condições de tratar o assumpto. Referiu-se ás sociedades operarias, ao recenseamento por unidades ou fôgos nos lugares onde sejam reduzidas. Uzou da palavra em seguida o sr. director de Ensino Primario que felicitou o orador que o precedera, disse fazer suas as idéas por elle brilhantemente defendidas, principalmente no que dizia respeito ao enthusiasmo do professor. Achava que era esta a razão principal da frequencia duma escola. Citou o nome da professora Victoria Bezerra de Mello, já avançada em idade e em tempo de serviço mas, dominada sempre de nobre enthusiasmo pela causa do ensino e que mantem sempre a melhor frequencia qualquer que seja a localidade em que se ache encravada a escola em que trabalhe. Sentia assim por aquella simples e humilde collega a maior admiração porque o enthusiasmo que a dominava nem o correr dos annos nem as difficuldades materiaes que poderiam se antolhar ao deesempenho de sus funções fal-o-iam arrefecer. Perorando diz que o melhor professor era portanto o mais entusiasta, eram todos os presentes, era o professor da Parahyba. Usou da palavra o professor João Vinagre que fallou sobre a utilidade provada das caixas escolares, como factor da frequencia duma escola, referindo-se ao caso especializado do grupo escolar sob a sua direcção onde tem sido claro e provado esse facto. Tomou a palavra o professor Mario Gomes, que agradecendo a cooperação que as suas palavras vinha trazer o professor João Vinagre declarava que as "caixas escolares" estavam incluídas nas instituições es-

colares a que se referia. Fallou o professor Sizenando Costa sobre a segunda parte do thema e discussão "Como promover o recenseamento escolar", expondo com clareza o modo como poderia cada professor realizar na cidade ou villa em que se ache localizada a sua escola o recenseamento de tal região de maneira que em dois menses apenas possa o Estado ter um perfeito serviço de recenseamento sem aparelhagem dispendiosa e sem a criação de departamentos especiaes, contando apenas com o entusiasmo dos seus professores" Perorando convidou os professores para fazerem o Brasil pois do esforço do mestre somente desse esforço dependia o futuro da Patria. Cocluia pois que o entusiasmo do professor era o principal factor da frequencia de uma escola, d'elle dependendo o futuro da terra commum, da nacionalidade. Usou em seguida da palavra o professor Aurelio de Albuquerque que expoz a situação precaria do professor em nossos dias referindo-se a escassez de mobiliario e material nas escolas do interior. Disse serem estes factores amortecedores do entusiasmo. O orador foi então apartado por alguns professores e pelo director do Ensino, professor Baptista de Mello que disse ser o entusiasmo do professor um fogo sagrado que o devia fazer triumphar de todas as difficuldades materiaes e virtudes da vida levando-o a abnegar-se inteiramente, fazendo triumphar a causa da Instrucção, que era e devia ser um sacerdocio. Retomando a palavra o professor Aurelio de Albuquerque agradeceu os apartes, que recebia com o acatamento que lhe mereciam os oradores, não como collegas, mas, como seus mestres que eram, pois ainda hontem cursara a Escola Normal, sendo talvez, o mais joven dos professores publicos, não só em idade como em tempo de serviço. Concluiu fazendo votos pelo progresso da nstrucção e pela prosperidade da Parahyba e do Brasil. Usou ainda da palavra o professor Sizenando Costa que dirigindo-se se especialmente ao orador que o precedera, disse que o joven collga estava merecendo louvores pela franqueza com que expuzera as suas idéas, mostrando ser uma bella esperanza. Attentasse porém, nas condições financeiras do Estado e visse que 30 por cento de suas rendas eram applicadas na Instrucção e que mais não era possivel fazer. Notara que a causa principal de seu protesto era a falta de material em sua escola, mas tivesse o collega um pouco de paciencia certo de que nem o Estado nem a Instrucção estavam esquecidos e aos poucos tudo conseguiriamos. Tenha entusiasmo o professor e procure com a lorça desse entusiasmo sanar as falhas que encontrar em sua escola e o futuro será a victoria. Concluia reaffirmando que o entusiasmo era o meio de incentivar a frequencia nas escolas. Como estivesse esgottada a hora, o sr. presidente encerrou a sessão. E de tudo foi lavrada pela secretaria professora Aulade Luna Freire acta que foi por ella devidamente assignada com o sr. presidente da sessão. A's 19 e meia horas no salão nobre da

Escola Normal realizou-se a segunda sessão da presente semana pedagogica, presentes o professor J. Baptista de Mello, director do Ensino Primario como presidente, ladeado pelo dr. Manuel Florentino da Silva, servindo de secretaria Alce de Azevêdo Montero, presentes ainda professores primarios e secundarios do Estado, magistrados, representantes da imprensa e outras pessoas gradas. O sr. presidente ordenou que a secretaria lesse a acta da sessão anterior, dando depois a palavra ao dr. J. Seixas Maia, que occupou a tribuna dissertando sobre o thema "Prophylaxia das doenças dos olhos". Ouvido com a maior attenção pela assistencia, fallou s. s. cerca de meia hora, sendo ao final grandemente applaudido. Teve depois inicio a hora de arte na qual tomaram parte o maestro professor Olegario de Luna Freire, mlles. Else Hermeto, Maria Caçador, senhores Milton Fagundes, Moacyr Uchôa, Esmeraldino Pinho, Edson Dantas, Milton Dantas e Claudio de Luna Freire. O sr. presidente usando da palavra leu a parte do programma referente ao dia 6, terceiro dia da presente semana pedagogica, declarando inscripto para falar sobre o thema "Animaes uteis e animaes prejudiciaes ao homem" o dr. Manuel Florentino da Silva, em seguida encerrou a sessão. E por nada mais haver occorrido lavrei a presente acta que assigno com o sr. presidente. João Pessoa, 5 de novembro de 1934. (Ass.) Alice de Azevêdo Monteiro, secretaria geral da Segunda Semana Pedagogica. (Ass.) João Baptista d Mello.

#### 4.ª ACTA

A's 14 horas do dia 6 do mês de novembro do anno de 1934 no salão nobre da Escola Normal, realizou-se a segunda sessão technica da presente Semana Pedagogica, presentes o professor Sizenando Costa, que presidiu a sessão, secretariado pela professora Maria Augusta Vasconcellos, presentes o sr. professor J. Baptista de Mello, director do Ensino Primario, inspectores technicos e professores primarios do Estado. O presidente abriu a sessão e disse que o thema a ser estudo naquelle momento era de rara importancia. Bastante arido afastava-se mesmo um pouco da alçada do professor; pediu toda a attenção dos collegas presentes que nelle iam collaborar. Convidou depois a secretaria a fazer a leitura da acta da sessão anterior a qual após a leitura foi posta em discussão sendo aprovada. O sr. presidente leu então a these a ser estudada "Na ausencia de predios escolares, que orientação deve ter o professor para localisação de sua escola?", dando em seguida a palavra ao professor Leonidas Santiago. Disse este que ouviu com a maior attenção os oradores da sessão technica anterior, accetando como suas as palavras pronunciadas pelo professor Mario Gomes, por estarem estas de perfeito accôrdo com as suas pro-



Aspecto da sessão inaugural da Segunda Semana Pedagógica.

prias idéas, no ponto referente a incentivação da frequência escolar. Não podia deixar de applaudir as palavras do professor Aurelio de Albuquerque. Reconhecia no entanto o interesse dos governos revolucionarios pela causa do Ensino. Citou Victor Hugo e declarou que os professores haviam assumido com o interventor Anthenor Navarro um pacto de honra a que não poderiam fugir: o dedicar-se á causa do Ensino, causa construetiva, tanto mais quanto o interventor Gratuliano Brito ia igualmente continuando a obra de seu mallogrado antecessor. Ainda o anno passado fôra fornecido mobiliario para os grupos escolares de Sousa, S. José de Piranhas e Brej do Cruz. Concluindo, disse que o professor deveria collocar bem alto a sua missão, não a confundindo jamais com a dos patriotas estomacaes, que mallogravam a Patria. Usou em seguida da palavra o professor José de Mello que disse por mingua de tempo não se haver convenientemente preparado para o momento; ia porem expôr aos collegas as suas idéas a respeito do thema em estudo. Disse não ser possivel haver em todas as localidades onde funcionem escolas, predios para ellas apropriados. Ao professor porém, compete melhorar as condições do predio que lhe deram para a installação de sua escola, já exigindo limpeza completa pelo menos de dois em dois annos, já promovendo certas alterações internas taes como aberturas de portas ou janellas, destruição de paredes para alargamento das salas de aula, installações sanitarias convenientes, etc. Como dissera no dia anterior uma simples janella aberta num predio escolar póde concorrer para o augmento da frequência de uma escola. O professor tem o dever de percorrendo a localidade m que está procurar casas mais confortaveis e servindo-se da influencia moral e das sympathias que sempre desfructa, principalmente nos pequenos nucleos onde é das pessoas mais qualificadas e instruidas conseguir para a sua escola uma melhor collocação. Conta sempre o professor com o auxilio da Directria do Ensino, já procurando os meios de augmentar-lhe a verba concedida para pagamento do predio escolar, logo que encontre melhor localisação para sua escola, já fornecendo-lhe croquis das modificações que deseje fazer na séde escolar. Jamais deverá o professor transigir, com os preceitos da pedagogia e da hygiene permittindo que os seus alumnos permaneçam em salas de piso estragado sem ar e sem luz. Tomou a palavra o professor Mario Gomes, que dirigindo-se ao orador que o precedera disse pedir-lhe permissão para discorrer em um ponto de suas palavras. Queria referir-se as pessoas influentes da localidade em que se encontra uma escola. E' quase sempre negativa esta influencia, sendo muitas vezes o professor victima da má vontade dos chefes da localidade em que está. Ha entanto bellissimas excepções, como no caso de Jucá, Itabayana, Umbuzeiro e Planeó. O professor João Vinagre apartou, apoiando o professor Mario Gomes. Retomando a pa-

lavra o orador depois de agradecer o aparte disse que ao professor competia pleitear junto ao Governo que 10% da renda que cada município entregasse ao Estado, para a Instrução, fosse empregado na construção de prédios escolares. Aparteou o orador o professor José de Mello dizendo que no relatório por elle apresentado ao Governo no anno proximo passado frizara este ponto, pedindo que os 15% das rendas municipaes fossem, exclusão feita dos 5%, destinados á saúde publica divididos em partes iguaes applicadas em prédios e no material escolar. Retomando a palavra o professor Mario Gomes concluiu pela divisão em partes iguaes dos 10% das rendas municipaes applicadas na construção de prédios e mobiliario escolar. Usou da palavra o professor João Vinagre dizendo que a construção dos prédios escolares deve ser fiscalizada pela Directoria do Ensino pois não basta construir um prédio para escola é preciso construí-lo dentro das normas exigidas pela pedagogia e pela hygiene. A escola é o ambiente onde se preparam homens para servir a Patria e se lhe faltam os requisitos indispensaveis ella perderá a sua finalidade formadora de homens uteis. Apesar do esforço e boa vontade empregados pela Directoria de Instrução alguns prédios escolares construidos são falhos. Haja visto o prédio escolar de Bananeiras. O professor J. Baptista de Mello aparteou dizendo que na qualidade de director do Ensino condemnara este prédio. Continuando com a palavra o professor João Vinagre diz estar localizado o citado prédio ao lado de uma fabrica de fumo. O de Alagôa Grande fica em terreno onde o lençol d'agua está apenas a dois metros de profundidade. Propõe que ao ser construido um prédio escolar seja a planta estudada e a construção controlada pela Directoria do Ensino e que se jam sempre consultadas as autoridades escolares quando se tiver que construir prédios para escolas. Conclue propondo que 15% da verba entregue pelos municipios fique no proprio município applicada na melhora e desenvolvimento da Instrução. O presidente põe em votação a idéa do professor J. Baptista de Mello apresentada pelo professor Mario Gomes. Toma a palavra o professor Francisco Rangel que diz achar louvavel a idéa não acredita possa o Governo porém, abrir mão dos 10% para ser applicada em edificação escolar porque é com esta verba que paga ao professor municipal uma vez que a seu cargo estão as escolas municipaes. Discorda do parecer em votação. Falla o professor Emygdio Diniz que diz ter sido por muito tempo funcceionario municipal e saber por experiencia que muitos municipios se negam a concorrer com aquella contribuição. Acha por isso que a arrecadação dos 15% das verbas municipaes deva ser fiscalizada pela Directoria do Ensino que auxiliaria os poderes publicos. Tomou a palavra o professor Vianna Junior que declarou deverem ser as verbas das quotas municipaes applicadas directamente na Instrução. A Directoria da Instrução

por seus delegados que são os inspectores deve fiscalizar o recolhimento dessas quotas, pois ha municipios que para não "estorvar a ordem dos seus orçamentos tem conseguido que lhe sejam ellas relevadas. Concluindo apresentou um additivo á suggestão do professor José de Mello, dizendo que as rendas pagas pelos municipios do Estado para custear o Ensino sejam applicadas 50% em construcções de predios escolares e 50% em confecção de moveis e material escolar. O sr. presidente declara continuar em discussão a idéa do professor J. Baptista de Mello aqui apresentada pelo professor Mario Gomes com o additivo do professor Emygdio Diniz. O presidente pede para permanecerem sentados os que approvarem o projecto e ficarem de pé os que não o approvarem. Houve approvação unanime, declarando então o professor Francisco Rangel que concluia a favor do projecto. Falla o professor Emygdio Diniz dizendo que se haviam afastado da these e que o professor do interior que não tem predio a construir nem a concluir não sabe ainda o que deve fazer para localizar bem a sua escola. Aparteiam os professores Joaquim Santiago, Vianna Junior, Mario Gomes e por ultimo o sr. presidente que mostra estarem as discussões dentro da these apresentada. Falla então o professor João Moreira, dizendo que antes de tudo é preciso dizer a verdade e que muitas vezes no interior para attender as exigencias de pessoas influentes os predios são construidos em terreno improprio apesar do protesto do professor. Estando esgotada a hora o presidente encerra a sessão, tendo sido lavrada acta do occorrido pela secretaria professora Maria Augusta de Vasconcellos, a qual foi pela mesma assignada com o sr. presidente da sessão. A's 19 e meia horas do dia 6 de novembro do anno de 1934 no salão nobre da Escola Normal, realizou-se a terceira sessão plenaria da Segunda Semana Pedagogica, presentes o professor José Baptista de Mello, director do Ensino Primario como presidente, ladcado pelo dr. Matheus de Oliveira, servindo de secretaria Alice de Azevêdo Monteiro, presentes ainda professores das escolas primarias e secundarias do Estado, medicos, magistrados, representantes dos jornaes e outras pessoas gradas. O sr. presidente convidou a secretaria para lér a acta dos trabalhos realizados no dia anterior, concedendo depois a palavra ao professor dr. Manuel Florentino da Silva, que por espaço de mais de uma hora fallou sobre o thema "Animaes uteis e animaes prejudiciaes ao homem", sendo ao final muito applaudido pelos assistentes. Teve inicio a hora de arte, preenchida pelo orpheão das escolas publicas sob a direcção do professor maestro Olegario de Luna Freire. O sr. presidente usando da palavra leu a parte do programma rferente ao da 7, quarto da presente Semana Pedagogica, declarando inscripto para fallar sobre o thema "A attenção nas escolas" o professor dr. Oscar de Castro. Por nada mais haver a tratar o sr. presidente encerrou a sessão da qual, eu,



Fragmento da sessão inaugural da Segunda Semana Pedagógica, quando discorria o dr. Agostinho de Figueirêdo.

Alice de Azevêdo Monteiro, lavrei a presente acta, que vae assignada por mim e pelo sr. presidente. João Pessoa, 7 de novembro de 1934. (Ass.) Alice de Azevêdo Monteiro. (Ass.) José Baptista de Mello.

### 5.ª ACTA

A's 14 horas do dia 7 de novembro do anno de 1934 no salão nobre da Escola Normal realizou-se a terceira sessão tecnica da Semana Pedagogica, presentes o professor João da Cunha Vinagre, como presidente, secretariado pela professora Adamantina Neves, presentes ainda o professor José Baptista de Mello, director do Ensino Primario, inspectores technicos e professores primarios do Estado. O presidente abriu a sessão e disse congratular-se com os collegas pelo brilhantismo do presente certamen. Declarou inscriptos para dissertarem sobre o thema em debate "Como organizar as classes escolares" as professoras Julita Ribeiro e Sylvia de Pessoa, ambas muito conhecidas no magisterio pela competencia profissional e pelo brilhantismo com que desempenha as suas funcções. Estavam inscriptos ainda o professor Francisco Rangel e o professor Mario Gomes. Convidou a secretaria a ler a acta da sessão anterior, a qual após a leitura foi aprovada. Tomou então a palavra a professora Sylvia de Pessoa. Recebida com palmas pela assistencia a professora Sylvia de Pessoa leu por mais de uma hora um trabalho sobre o thema em discussão sendo applaudida pelo auditorio por mais de uma vez. O presidente deu depois a palavra a professora Julita Ribeiro que cerca de quarenta minutos expôz com clareza a technica que usava para o ensino da linguagem e da arithmetica nas classes iniciaes, dizendo que nesta ultima materia deve ao professor José de Mello o conhecimento do processo que estava expondo. Ouvida com a maior attenção pela assistencia é muito applaudida ao terminar a sua demonstração. Segue-se com a palavra o professor Francisco Rangel que consulta a casa se é possivel, por se achar quase extinta a hora, ler o trabalho que escrevera sobre o thema em discussão. O sr. presidente lhe dá resposta affirmativa, pedindo-lhe no entanto para sr breve. Por mais de meia hora leu a sua exposição, sendo ao terminar vivamente aclamado. Tomou a palavra o professor Mario Gomes que declarando haver preparado um trabalho sobre tests não podia ler pelo adeantado da hora, mas o publicaria no "O Norte". Fallou em seguida o professor Rubens Filgueiras que disse haver tomado a palavra apesar do adeantado da hora para fazer uma pequena reclamação. Reconhecia o interesse que o director do Ensino Primario tinha pela causa da Instrucção, mas, vinha naquelle momento pedir os bons auspicios de sua senhoria em prol da situação das adjunctas, que exercendo as mesmas funcções das professoras não tem

igualdade em remuneração. Acha isto uma grande injustiça. O professor Sizenando Costa aparteiou o orador dizendo concordar que merecia reparo a situação das adjunctas. A assistência bateu palmas ao aparte e ao orador. Reiniciando a sua oração o professor Rubens Filgueiras referiu-se ainda á impossibilidade que julga ter o professor do interior em applicar os methodos usados pelo professor da capital. Fallou depois o professor J. Baptista de Mello, que desculpando-se por usar da palavra quando já estava esgotada a hora regulamentar, diz não poder deixar de fazê-lo no momento. Dirigindo-se especialmente ao orador diz que está sempre prompto para ouvir e attender na medida do possível todas as reclamações dos collegas. Reconhece a injustiça que representa a desigualdade de ordenados de professores e não só com relação aos adjunctos mas também com os proprios professores que percebem ordenados inferiores aos collegas do curso primario da Escola Normal. Vem de ha muito se batendo pela solução dessas questões. Terminando declara não se considerar chefe mas um companheiro de seus collegas: um irmão. Pede-lhes neste momento para que findem os trabalhos da presente sessão com um preito de saudade e de respeito á memoria desse abnegado que foi José Eugenio Lins de Albuquerque. Pede que todos os collegas presentes permanecam um minuto de pé e em silencio em homenagem a sua memoria. Retomando a palavra o orador conclue incitando os professores ao entusiasmo e ao cumprimento dos seus deveres. E por nada mais haver a tratar o sr. presidente encerrou a sessão, sendo lavrada acta pela secretaria professora Adamantina Neves que assignou com o sr. presidente. A's 19 e meia horas, no salão nobre da Escola Normal realizou-se a quarta sessão plenaria da Segunda Semana Pedagogica, presentes o professor José Baptista de Mello, director do Ensino Primario, como presidente, ladeado pelo dr. Manuel Florentino da Silva, servindo de secretaria a professora Alice de Azevêdo Monteiro, presentes mais medicos, magistrados, sacerdotes, representantes dos jornaes, professores das escolas primarias e secundarias do Estado. O presidente convidou a secretaria para ler a acta da sessão anterior e deu em seguida a palavra ao professor dr. Oscar de Castro que dissertou cerca de 45 minutos sobre o thema "A attenção nas aulas". Ouvido com a maxima attenção pela assistencia, foi ao concluir muito applaudido. Seguiu-se a hora de arte, na qual tomaram parte o professor maestro Olegario de Luna Freire, melles. Else Hermeto e Maria Caçador, senhores Milton Fagundes, Moacyr Uchôa, Edson Dantas, Milton Dantas. O sr. presidente leu a parte do programma relativo ao dia 8, comprehendendo uma demonstração de gymnastica pelas alumnas da Escola Normal, sob a direcção do professor Aluizio Xavier e excursão ao Rio Tinto para a qual convidava todos os professores presentes. Leu depois a parte do programma relativo ao dia 9,

sexto da presente Semana Pedagógica declarando inscripto a professora Alice de Azevêdo Monteiro que fallaria sobre o thema "Uma contribuição para os jardins de infancia". E por nada haver a tratar encerrou a sessão, da qual eu Alice de Azevêdo Monteiro, secretaria geral da Segunda Semana Pedagógica lavrei a presente acta que vae por mim assignada com o sr. presidente, João Pessoa, 7 de novembro de 1934. Alice de Azevêdo Monteiro. José Baptista de Mello.

### 6.ª ACTA

Aos 8 dias do mês de novembro de 1934, ás 8 horas da manhã realizouse, com a presença do director do Ensino Primario, inspectores technicos, directores dos grupos escolares e professores do Estado da Parahyba, uma demonstração de gymnastica das alumnas do professor Aluizio Xavier que cursam o 4.º anno da Escola Normal. Pelas 9 horas, cerca de 180 professores assistiram a bella prova de educação physica e excursionaram até Rio Tinto, viajando em omnibus especiaes. Em Espirito Santo, a embaixada se demorou, alguns instantes, na Estação Experimental de Fructicultura, onde os professores fôram muito bem recebidos pelo director daquelle estabelecimento, agronomo Joaquim de Carvalho e seus auxiliares. A's 12 e meia horas chegaram em Rio Tinto, sendo os excursionistas recebidos no Club dos Diarios entre palmas de um grupo de escolares uniformizados e em fila á frente do predio. Ahi tambem se achava o gerente da fabrica, sr. Ernesto Shlutz, o prefeito de Mamanguape, sr. Mario Vianna, professoras da localidade, diversas senhoritas da sociedade local e alguns allemães, que recepcionaram os professores com especial carinho. Foi offerecido um magnifico lanche aos presentes. No palco installado no salão principal do Club realizou-se uma hora de arte, que foi interpretada a contento pelas seguintes pessôas: Else Herméto, professor Olegario de Luna Freire, Milton Fagundes, senhorita Maria Caçador e o violonista Milton Dantas. A' tarde, foi feita uma proveitosa visita ao grande estabelecimento fabril que se achava em pleno funcionamento, em companhia do prefeito Mario Vianna e do sr. Ernesto Shlutz. Percorrendo as secções de fiação, onde o algodão bruto é tratado de modo a perder suas impurezas e depois fiado; tecelagem que é a maior e mais importante onde são feitos os tecidos propriamente ditos; de engomados, onde ha machinas que além de fazerem o "preparo" dos tecidos, medem e dobram as peças; de cubagem, onde o producto é pesado e exportado. Foram batidas diversas chapas photographicas. O director da instrucção ao povo de Rio Tinto, fez um discurso agradecendo a fidalga hospedagem. O regresso dos professores a esta capital verificou-se ás 6 horas da tarde, depois de uma via-

gem agradável, sem incidentes, e de surpresas instrutivas e interessantes. E para constar, eu, Celina Hamilton de Oliveira, lavrei a presente acta que vae por mim assignada. Celina Hamilton de Oliveira. João Pessoa, 8 de novembro de 1934.

### 7.ª ACTA

Aos nove dias do mês de novembro do anno de 1934, ás 19 e meia horas no salão nobre da Escola Normal realizouse a quinta sessão plenaria da Segunda Semana Pedagogica, presentes o professor José Baptista de Mello, director do Ensino Pri-



Autoridades do ensino, promotoras da 2.ª Semana Pedagogica

mario, como presidente, ladeado pelo professor dr. J. de Seixas Maia, servindo de secretaria Alice de Azevêdo Monteiro, presentes ainda professores das escolas primarias e secundarias do Estado, medicos, magistrados, representantes da imprensa e outras pessoas gradas. O presidente convidou a secretaria a ler a acta da sessão anterior dando após a palavra a oradora inscripta, professora Alice de Azevêdo Monteiro. Recebida com palmas pela assistencia, a oradora dissertou cerca de meia hora sobre o thema "Uma contribuição para os jardins de infancia", sendo applaudida ao terminar. Teve em seguida inico a hora de arte a cargo da Associação Parahybana pelo Progresso Feminino, na

qual tomaram parte melles. Beatriz Ribeiro, Myosotis Costa e Else Hermeto. O presidente tomando a palavra leu a parte do programma referente ao dia 10 e setimo da presente Semana Pedagogica, declarando inscripto o professor Mario Marques para dissertar sobre o thema "Ensino Profissional" para conclusão da Segunda Semana Pedagogica, encerrando a sessão. E por nada mais haver occorrido eu, Alice de Azevêdo Monteiro, secretaria geral da Segunda Semana Pedagogica, lavrei a presente acta, que vae por mim assignada com o sr. presidente. João Pessoa, 9 de novembro de 1934. J. Baptista de Mello. Alice de Azevêdo Monteiro.

### 8.ª ACTA

Aos dez dias do mês de novembro do anno de 1934, ás 8 horas, no salão nobre da Escola Normal, realizou-se a quarta sessão technica da Segunda Semana Pedagogica, presentes o professor Joaquim Santiago como presidente, ladeado pelo professor José Baptista de Mello, director do Ensino Primario e professor Emygdio Diniz servindo de secretaria a professora Celine Hamilton de Oliveira, presentes mais inspectores technicos e professores primarios do Estado. Abrindo a sessão o sr. presidente disse ter prazer em presidir a quarta sessão technica. Que a primeira semana pedagogica teve o melhor resultado; a segunda, porém, teve resultado mais claros e positivos. Referiu-se ás instituições escolares já existentes taes como Caixas escolares e Circulo de Paes e Mestres. Nenhuma escola poderá alcançar perfeito desenvolvimento sem o auxilio da caixa escolar. A Caixa escolar do grupo Epitacio Pessoa alcançou a quantia de cerca de 4:000\$000 e a do grupo Thomás Mindello cerca de ..... 3:000\$000, importancias applicadas todas em beneficio do escolar pobre. Esse auxilio prestado é controlado de tal maneira que a creança recebe exactamente aquillo de que mais precisa. A nossa creança é rachitica, enfesada. No Brasil a creança é abandonada. O orador é aparteado pelo professor Mario Gomes que diz ser a creança considerada na Russia um rei, enquanto que no Brasil é um pária. O orador agradece o aparte e continuando a sua oração accrescenta: lembramos mais os animaes que o homem e enquanto procuramos melhorar as condições do boi, abandonamos a creança. Que vemos? Homens tarados a contrahir matrimonio e procrear. E' por isso que admiro a Alemanha. Que se cuide das nossas creanças! De ha muito que, elle orador, se vem batendo para que se procure transformar a creança enfesada e rachitica que é a nossa no menino forte e bello que todos veem com agrado. Diz que o conego Mathias Freire, quando ao voltar da Europa chegou ao Recife soffreu uma verdadeira desillusão revendo o nosso menino. Devemos procurar melhorar as condições physicas e moraes do nosso me-

nino por meio do escotismo e pelo controle rigoroso do Estado. Uma professora aparteia — E pelo exame pre-nupcial. O orador continua: o dr. Renalo Kehl affirma que 90% do povo brasileiro é rachitico. Reconhece que se está estendendo demasiado. Continuando diz que o professor sabe muito bem a responsabilidade que lhe cabe nesta situação do Brasil. Não imite elle os polti-queiros que abandonam os verdadeiros interesses da Nação. Faça-se a educação economica, physica e moral da nossa mocidade. Após a Revolução de 1930 o Brasil despertou para uma nova era. O voto secreto, uma das suas maiores conquistas vae obrigar os politicos a se corrigirem, pois o povo saberá escolher os mais capazes para trabalhar pelo bem da Patria. Fundemos Circulos de Paes e Mestres. Graças a elles com a aproximação de paes e preceptores se poderá conhecer as necessidades reaes da creança. Conclue agradecendo o compareimnto dos collegas á presente sessão technica. Declara inscriptos para fallar sobre o thema da presente sessão: "Instituições escolares; como organizalas" os professores Mario Gomes, João Vinagre e Manuel Vianna Junior. Diz que a professora Iracema de Oliveira Feijó desejava fallar sobre um thema por ella escolhido e que se afastava daquelle que devia ser estudado na presente sessão. Era elle "Educar e instruir a creança. Necessidade de fé moral e religiosa nas escolas". O professor João Vinagre aparteia dizendo que realmente o thema se afasta daquelle que deveria ser discutido naquelle momento, mas, tratando-se de uma professora merecia acatamento devendo ser ouvida. O professor Mario Gomes diz que pediria apenas á collega que dividisse o seu trabalho em duas partes: uma para ser estudada na presente sessão e outra na proxma sessão a se realizar ás 14 horas. O presidente propõe que seja dividido o thema apresentado de accôrdo com a suggestão do professor Mario Gomes. A professora Iracema Feijó diz que não é necessario tal divisão porque resumiria o assumpto. Usando da palavra, lê o seu trabalho, sendo muito applaudida. Usa depois da palavra a professora Clementina Maia que lê um trabalho sobre "A organização de bibliothecas escolares", sendo muito applaudida. O presidente diz ter sido ouvida com muito interesse a palestra da professora Clementina Maia por ser inteiramente pratica. Referindo-se á intelligencia e cultura de nossas professoras cita as que apresentaram trabalhos todos de valor na presente semana pedagogica. Tem a palavra o professor Mario Gomes. O orador congratula-se com os collegas pela acertada escolha do professor José Baptista de Mello para delegado eleitor do professorado parahybano. Falla sobre as instituições escolares, dizendo pretender abordar um assumpto ainda que era a hygiene escolar, mas que o seu collega professor João Vinagre havia escolhido esse thema para fallar, excusando por isso de fazê-lo. O professor João Vinagre aparteia dizendo que se está a extinguir a hora regulamentar. O professor Mario

Gomes declara ir concluir para que possa usar da palavra o seu collega João Vinagre. O professor João Vinagre aparteia dizendo que não fôra para tolher a palavra ao professor Mario Gomes que se referira ao exgotamento da hora. Os professores Francisco Rangel e Zeferina Ramos aparteiam pedindo que continue com a palavra o professor Mario Gomes. O presidente consulta a casa se se devem continuar os trabalhos apesar de extincta a hora regulamentar. Propõe que se a prolongue por mais 40 minutos o que é accedido. Tem a palavra o professor João Vinagre que explica não desejar mais fallar sobre o assumpto. Apenas em palestra exprimiria esse desejo ao seu collega Mario Gomes momentos antes da sessão. O presidente dá a palavra ao professor Mario Gomes. Diz o orador não desejar mais usar da palavra. O professor Emygdio Diniz aparteia dizendo desejarem os professores do interior ouvir a palavra do professor Mario Gomes. Tomando a palavra o professor Mario Gomes diz ser escasso o tempo e não podendo o thema em debate ser resumido desiste de fallar. Toma a palavra o professor Manuel Vianna Junior que se refere ás caixas escolares que considera a mais necessaria e mais conveniente das instituições escolares, sendo aparteado pela professora Zeferina Ramos que diz serem tambem as mais humanitarias, dessas instituições. Conclue o orador declarando que a caixa escolar é de todas as instituições a que mais concorre para a frequencia escolar. Falla então o professor José Baptista de Mello agradecendo a sua eleição para delegado eleitor e tambem a saudação do professor Mario Gomes. Occupa-se depois das caixas escolares, dizendo haver fundado a primeira caixa escolar na Parahyba. Refere-se com palavras de louvor a professora Adamantina Neves que numa festa organizada em beneficio da Caixa escolar do grupo Epitacio Pessoa obtivera para aquella instituição a importancia de 1:500\$000. Referiu-se á escola de Cajazeiras onde a caixa escolar tem prestado os maiores beneficios. Referiu-se ainda a caixa escolar do grupo Duarte da Silveira. Concluiu pedindo o comparecimento dos collegas á sessão que terá logar ás 14 horas. O sr. presidente encerrou a sessão. E do occorrido a secretaria professora Celia Hamilton de Oliveira lavrou a acta assignada por ella com o sr. presidente. A's 14 horas, no salão nobre da Escola Normal realizou-se a quinta sessão technica da Segunda Semana Pedagogica, presentes o professor Francisco Salles, como presidente, ladeado pelo professor José Baptista de Mello, director do Ensino Primario, servindo de secretaria a professora Debora Duarte, presentes mais inspectores technicos e professores primarios do Estado. O presidente abrindo a sessão congratulou-se com os collegas pelo brilhantismo da Segunda Semana Pedagogica. Referiu-se ás palavras pronunciadas pelo professor Manuel Vianna Junior acerca da caixa escolar do grupo Isabel Maria das Neves. Ao substituir o seu collega professor Manuel Vianna Junior

na direcção daquelle Grupo Escolar, encontrou nos cofres da caixa o necessario para o aparelhamento do jardim da infancia que está funcionando naquelle grupo. Declara haver dois collegas inscriptos para falar, mas, que ambos se desejam afastar do thema apresentado para a presente sessão. "Como supprir o material didactico em uma escola pobre". Desejaria entanto conduzir de modo differente aquella sessão. Suppõe um professor nomeado para uma escola pobre, onde não haja material. Deseja ouvir suggestões dos collegas a respeito. Toma a palavra o inspector tecnico da 5.<sup>a</sup> zona, professor José Bento de Moraes, que expõe suas idéas so-



Grupo de professores que tomaram parte nos trabalhos da 2.<sup>a</sup> Semana Pedagogica.

bre o thema estudado. Imagina uma escola pobre, como quer o sr. presidente sem material nem mobiliario, resolveria essa difficuldade adquirindo caixotes e com ellos fazendo mesinhas e bancos que cobriria com chita. Com alguns arames e espheras collocadas de dez em dez arranjaria um contador mecanico. Para o ensino da geographia tomaria uma bola de borracha perfurando-a em duas partes oppostas conseguiria que assim se achata-se figurando os pólos; restava apenas desenhar sobre tal esphera os continentes, mares, rios, etc. Assim já tal escola não estaria sem material e sem mobiliario. O nosso Brasil não é mas aquella terra onde se registrava 70% de analphabetos. Toma a palavra o inspector tecnico da 1.<sup>a</sup> zona, professor Siz-

nando Costa, que declara estar satisfeitíssimo com a exposição do inspector José Bento de Moraes. Depois de algumas considerações acerca do tempo em que esteve como inspector tecnico no interior diz que hoje a educação está baseada na sciencia. O professor vae buscar na sciencia o meio é de organizar a sua escola. Sente-se contrangido em fallar em sciencia em assembléa como aquella constituida por professores que tão bem a cultivam. Hoje o ensino pode ser feito em equipes, na verdadeira escola nova. Respeita-se a liberdade e as inclinações affectivas da creança, de modo que em uma mesa, movel simples e barato se podem accomodar 6 ou 8 meninos, que se fazem amigos. Sobre esta mesinha colloque-se papel para desenho; alli trabalhará a creança. Desenham por exemplo uma folha como disse hontem a professora Alice de Azevêdo Monteiro, na aula extraordinaria que nos leu. Aquellas creanças tem direito de trocar idéas. Ahi está a escola renovada. Não precisamos para mobilia, mais que mesas toscas, tamboretos cobertos de chitão vistoso e neste ambiente se sente a creança maravilhosamente bem. Ella que estava só e triste em seu canto, cheia de timidez e do receio de se approximar do mestre, agora está alegre, feliz, trabalha consultando os collegas. Um vidro dará um jarro. Em 4 mesas serão accomodadas 32 creanças ou uma classe. Não se procure collocar a escola na rua principal do povoado. Procure-se uma elevação de terreno, lugar pittoresco, para onde as creanças se dirigirão, com prazer. Não se espere que os governos forneçam todo o material escolar de que póde precisar uma escola. Procure-se na medida do possivel substituir esse material. As collegas têm especial habilidade para os trabalhos manuaes e podem assim tirar partido em beneficio do ensino. A professora Maria Dulce Barbosa aparteia desejando saber o que deva fazer uma professora quando o meio é inteiramente pobre. O orador continúa a sua oração dizendo que é a intelligencia do professor que compete resolver os problemas nascidos do meio em que está a sua escola. A professora Nair Gusmão apoia o aparte a sua collega Maria Dulce Barbosa. O orador diz que é com o entusiasmo, a bôa vontade e a intelligencia do professor que se resolverá a questão do ensino no Brasil. O professor Manuel Vianna Junior, aparteia dizendo que a professora Felicidade das Neves Costa que tem sua escola localizada em Livramento, fez de uma gaveta envernizada de preto um quadro negro para suas aulas. O orador continúa dizendo que a escola nova não é nenhum papão. É uma escola como a antiga, dando-se apenas a creança a liberdade de que della mais precisa para receber as lições de seus mestres. Para construir um museu não teremos mais que reunir flôres, folhas e algumas plantas com as suas raizes collocando tudo isto sobre a mesa do mestre. Já o interesse da creança está despertado por esse material e assim cria-se um centro de interesse. Conversando com

as creanças sobre os phenomenos da alimentação observados em si mesmos, deveremos passar a explicar a alimentação dos vegetaes. Cortando o caule da planta a creança verá a seiva correr. Teremos assim a aula viva. Sobre o quadro negro escreveremos algumas perguntas sobre os pontos mais difficeis para que sejam respondidos pelos meninos mais adeantados e depois faremos anda algumas perguntas a toda a classe para fixar a aula e aquilatar do aproveitamento obtido. Concluindo a sua exposição, diz o orador que mais de uma vez concita os collegas a olhar pelo Brasil. Quem escolher essa profissão de olhar pelo Brasil deve pensar muito pouco em cousas materiaes. Em 40 annos de Republica nada se fez em nossa Patria. Aquillo que não fizeram os politicos façamol-o nós, os professores. Agradece o aparte das duas collegas. Toma a palavra o professor Rubens Filgueiras que referindo-se á cidade de Itabayana diz ter sido encarregado de trazer a saudação dos itabayanenses ao professor José de Mello. Falla então o professor José de Mello dizendo termos attingido o termino da Segunda Semana Pedagogica. Aqui estiveram os professores do sertão que o fizeram mais pelo desejo de ser util á Parahyba que para attender ao convite da Directoria do Ensino. O professor parahybanõ está bem convencido que a grandeza do Estado repousa-lhe sobre os hombros. Está compenetrado de sua missão e sabe que de suas canceiras e do seu entusiasmo dependem o futuro da Patria. Que as idéas manifestadas neste recinto não fiquem aqui. Deseja agora expôr á opinião franca e sincera dos collegas as sugestões que constituirão as conclusões a serem apresentadas mais tarde ao Governo. Primeira conclusão: Desapareça a classe de adjunctas. Segunda conclusão: Desaparecimento da subdivisão das escolas ruraes, urbanas e rudimentares, que serão designadas por "escolas rudimentares". Terceira conclusão: o augmento do numero de inspectores technicos. Quarta conclusão — Estabelecimento da carreira do professor de meneira que de 5 em annos elle tenha acesso de classe. Quinta conclusão: Creação de escolas ruraes. Sexta conclusão: Creação dum grande jardim de infancia modelo. Seteima conclusão: Creação dum grupo escolar em cada municipio e ampliação dos predios já existentes que della precisarem. Oitava conclusão: Ampliação do serviço medico-escolar. Nona conclusão: Creação de duas escolas technicas profissionaes; uma para o sexo masculino e uma para o sexo feminino na capital, emquanto melhoram as actuaes condições financeiras do Estado. Todas essas conclusões fôram aclamadas pela assistencia. Lê em seguida os telegrammas de congratulações recebidos pelo brilhantismo da Segunda Semana Pedagogica. O presidente põe em votação as conclusões apresentadas as quaes foram aprovadas pela casa. O professor João Vinagre pede a palavra lembrando a criação de uma escola professional, em Campina Grande. Desejaria que se houvesse incluído nas

conclusões um appello para que o Governo amparasse a criança; qu até hoje apesar do código de menores trabalha sem nenhuma fiscalização da lei. O presidente põe em votação as duas propostas do professor João Vinagre as quaes são aprovadas pela casa. Pede então a palavra o professor Olegrio de Luna Freire, lamentando que na presente semana pedagogica se não houvesse tratado da educação artistica do povo. O professor José Baptista de Mello aparteia apoiando o orador e confessando-se satisfeito, vendo-o occupar-se do assumpto. O orador continúa demonstrando que o estudo orpheonico é um dos meios de despertar o amor da Patria. Diz que a musica é a disciplina e o rythmo e pede aos collegas do interior que façam cantar os seus alumnos, corrigindo-lhes a dicção, fazendo-os amar a musica brasileira. Diz estar a disposição dos collegas que desejem obter musicas orpheonicas. Concluindo pede aos professores que não esqueçam a educação artistica de seus alumnos e que o orpheão é o primeiro passo para ella. O sr. presidente encerra a sessão. A's 19 e meia horas no salão nobre da Escola Normal realizou-se a sexta sessão plenaria da Segunda Semana Pedagogica, presentes o dr. Gratuliano Brito, interventor federal, como presidente, ladeado pelo professor José Baptista de Mello, director do Ensino Primario e dr. Matheus de Oliveira, director da Escola Normal, servindo de secretaria Alice de Azevêdo Monteiro, presentes mais professores das scolas primarias e secundarias do Estado, magistrados, medicos, representantes dos jornaes, militares e outras pessoas gradas. O sr. presidente convidou a secretaria para ler a acta da sessão anterior, a qual após a leitura foi aprovada, dando depois a palavra ao professor Mario Marques que, recebido com palmas, dissertou cerca de meia hora sobre o thema "Ensino profissional", sendo muito applaudido ao terminar. Usou então da palavra o sr. Interventor Federal que disse sentir-se bem em congratular-se com o professorado pelo extraordinario brilhantismo alcançado pela Segunda Semana Pedagogica. Tivera o prazer de inaugural-a e notara que a ella comparecera o professorado em massa; agora via, porem, o recinto occupado por pessoas pertencentes a todas as classes sociais o que testemunhava a expansão e o interesse despertado por este certame. O professor do interior ao voltar para sua escola levaria novos conhecimentos, tivera estimulado no contacto amigo dos collegas o entusiasmo e a boa vontade e assim, concorreriam todos para o bem dessa legião de pequenos confiados aos seus cuidados e que são a esperança do dia de amanhã. Seguiu-se a hora de arte preenchida pelo orpheão do 22.º B|C. O sr. presidente encerrou a sessão. E por nada mais haver occorrido eu, Alice de Azevêdo Monteiro, secretaria geral da Segunda Semana Pedagogica, lavrei a presente acta que vae por mim assignada com o sr. presidente. João Pessoa, 10 de novembro de 1934. Alice de Azevêdo Monteiro. José Baptista de Mello.



**Anno — — — 6\$000**

**Numero avulse 2\$000**